

Scuto 97

A. M. de Fontes P. de Rocha

Almeida et.

ANTONIO MARIA DE FONTES PEREIRA DE MELLO

As guerras heroicas, que repelliram para além dos Pyrneos os exercitos invasores do imperador Napoleão I, deixaram Portugal exausto de riquezas e pobrissimo de população. Os campos, por arrotear, cobriam-se então de mato, transformando-se em brejos e charnecas estereis; e de muitas aldeias, consummadas pelo incendio, só appareciam as ruinas enegrecidas e abandonadas. Nos portos de mar viam-se esses raros navios, onde fluctuava o pavilhão britanico, que vinham trazer ao povo pão para lhe matar a fome. O rei e a cõrte, os poderosos, os ricos, os ambiciosos e os nobres estavam no Brazil; por medo, por cubica, por motivos ruins e despresiveis tinham muitos portuguezes, e entre elles o proprio rei, abandonado a patria na suprema hora do perigo. Um governo militar, um governo estrangeiro dominava com poder absoluto sobre tudo e sobre todos, mesmo sobre a regencia, que simulava representar o poder real annullado pela influencia ingleza. As prisões enchiam-se de homens, cujos crimes eram o amor da patria, o desejo da independencia, e o haverem merecido a estima de seus concidadãos. Portugal, antes cabeça de vastissimo imperio, tornára-se então colonia despresada, opprimida pela espada de um general inglez, aviltada pela estulta e ávida dominação de um governo, que fugira espavorido das

aguias francezas para ir esconder na America a corôa e o poder real.

Mas o povo portuguez, repellindo, pelo seu esforço e pela sua maravilhosa dedicação, os exercitos invasores, conhecêra o seu poder, e, o que vale mais ainda, adquirira a consciencia da propria dignidade. O desejo da independencia, exaltado por nobres aspirações á liberdade, agitava profundamente o espirito da nação. Quem não tremêra diante das armas francezes, costumadas á victoria, mal podia supportar o jugo inglez, que uma ruim e absurda politica nos queria impôr. A Inglaterra tratava-nos, a nós seus aliados, que lhe tinhamos dado os nossos soldados para ella engrossar os seus exercitos, e os nossos campos para ella pelejar com a França sua rival, como se foramos um povo conquistado. Era a consequencia deploravel e deshonorosa para a Inglaterra das idéas politicas, que então dirigiam o governo d'esta grande nação; idéas de dominação violenta, de resistencia a todas as reformas ainda as mais justas, de imobilidade, de regidez quasi absoluta na conservação dos velhos dogmas do partido *tory*. Os primeiros symptomas de vida politica em Portugal manifestaram-se n'uma infeliz conspiração, que um governo feroz puniu com horrendos supplicios. Mas as idéas generosas não se afogam em sangue, nem o clarão sinistro das fogueiras, que consomem as victimas da intolerancia religiosa ou politica, fez nunca recuar os povos, que caminham para a liberdade.

Em tudo é maravilhoso o principio d'este syclo da civilisação, cuja evolução estamos hoje admirando, os que temos fé nos progressos da humanidade. Uma revolução tremenda proclamou a liberdade exercendo a tyrannia mais feroz, sustentou os principios do direito e da justiça praticando iniquidades, fez correr ondas de sangue em nome da humanidade opprimida, deu exemplos de loucura frenetica ao passo que exaltava a força sublime da razão, e, depois das demasias mais extrayagantes da anarchia, e das orgias da licença mais desenfreada, veiu curvar-se sob o poder de um homem. Esse homem destinou-o Deus para pôr termo aos excessos da revolução, e para dar á Europa o choque violento, que a devia acordar de seu longo torpôr.

As aguias de Napoleão percorreram a Europa arrancando as corôas da frente dos reis, e devastando as nações pasmadas de tanta audacia e de tão inexplicavel fortuna; mas com essas aguias sanguinariás, vôu tambem a idéa da liberdade. Passou o turbilhão da guerra, e no coração agitado dos povos ficou esse fecundo germen da civilisação do nosso tempo.

Em Portugal tambem os exercitos francezes, depois de uma

longa e barbara guerra, deixaram o sólo coberto de cadaveres e de ruinas; mas n'essa guerra Portugal, que tanto perdeu e padeceu, ganhou a consciencia da propria força, o sentimento da independencia, e uma nobre, ainda que vaga, aspiração á liberdade.

A dominação de estrangeiros, e a pressão de um máo governo deviam de ser intoleraveis a um povo, que acabava de dar grandes provas de valor e de patriotismo. Os mesmos successos que haviam attenuado as forças phisicas de Portugal, haviam-lhe robustecido o vigor moral. Com ser de fingidos amigos, a dominação ingleza não era menos repugnante do que o fôra a dominação franceza. Homens de generoso patriotismo, e de forte vontade, se congregaram para libertar a patria; e os seus esforços foram coroados de triumpho pela incruenta revolução de 24 de agosto de 1820.

Foi na época em que raiou para Portugal a aurora da liberdade, poucos mezes antes da revolução do Porto, que nasceu Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello.

II

Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello, ministro de estado honorario, membro effectivo do conselho ultramarino, fidalgo da real camara, capitão de engenheiros, cavalleiro da ordem da Torre e Espada, de S. Bento d'Aviz, e de Isabel a catholica, gram-cruz das ordens de Leopoldo da Belgica, de Carlos III de Hespanha, e do Leão Neerlandez dos Paizes Baixos, e actual deputado em còrtes, nasceu em Lisboa a 8 de setembro de 1819. Foram seus paes, o conselheiro João de Fontes Pereira de Mello, ministro de estado honorario, chefe de divisão da armada real, e gram-cruz da ordem d'Aviz, e D. Jacinta Venancia Rosa da Cunha Mattos.

A infancia de Fontes passou n'aquelle periodo, em que a lucta do absolutismo com a liberdade trouxe Portugal em agitação. De 1820 a 1834 a liberdade, por vezes victoriosa, mas o mais do tempo vencida, foi sempre ganhando proselitos, até que por fim alcançou definitivamente a victória. Foi ganha á custa de dolorosos sacrificios, de padecimentos longos e profundos, de martyrios cruentos: mas a idéa civilisadora, apesar do odio violento dos seus inimigos, e mesmo dos erros, das loucuras, dos crimes de muitos que se diziam seus defensores, teve por fim o triumpho, que lhe era devido. É esta uma das tristes condições da humanidade: o caminho do progresso está coberto de cadaveres;

os gemidos da agonia dos martyres acompanham sempre os hymnos dos que celebram as victorias da civilisação.

A revolução de 24 de agosto de 1820 foi uma marcha triumphal de liberaes sinceros, feita entre flores e luminarias, ao som dos canticos patrioticos, e dos vivas enthusiasticos do povo. As côrtes de 1821 foram como uma academia de politicos, onde se debateram todos os principios theoricos dos governos livres, e onde oradores mais ou menos eloquentes declamaram o panygirico da liberdade, e trovejaram maldições contra os tyrannos e contra o absolutismo. D'esta academia politica saiu uma constituição pouco rasoavel, em grande parte das suas disposições inapplicavel ao paiz para que fôra feita: e, o que é peor ainda, saíram inimisades entre os partidarios das idéas novas, e a guerra violenta entre estes e os partidarios do antigo regimen.

Este ensaio de liberdade, em que o debate theorico foi grande e a reforma prática e util pequena, quasi nulla, assustou com tudo as classes privilegiadas, as que viviam dos abusos, dos monopolios, da corrupção antiga. As côrtes não ousaram arrancar do sólo as profundas, ainda que já corrompidas raizes do absolutismo, nem mesmo se atreveram a decepar-lhe os ramos cariados, com que elle assombrava a sociedade; contentaram-se em o cubrir de perpetuas, de folhas e flores d'acacia, e de laços azues e brancos; e como não viam o mal, que ficára intacto apesar da revolução, pensaram que tudó estava feito, e segura a prosperidade de Portugal. O partido absolutista sabia bem que as suas forças não haviam sido destruidas, mas conhecia ao mesmo tempo que os seus injustificaveis privilegios estavam ameaçados. Tramou uma conspiração, e pelos fins de maio de 1823, conseguiu derribar o governo constitucional, e restaurar a monarchia absoluta.

Foi n'este deploravel acto revolucionario dos partidarios do absolutismo que principiou a serie de violencias, de combates, de tyrannias, de horrores, de abjecções, que encheu o triste periodo que se seguiu depois, até á restauração do governo parlamentar em 1834. Nos tempos de exaltação de paixões e guerra civil nenhum partido, por mais generosos que sejam os seus principios, sabe resistir ao turbilhão das exigencias revolucionarias: os erros, os crimes mesmo são quasi inevitaveis. Aperta-se o coração, cobre-se de lucto o espirito ao contemplar essa fatal cegueira dos homens politicos, que os arrasta a descrerem do poder da razão que convence, para só confiarem na força que opprime! Quando de longe se contempla a historia d'essas crises dolorosas da sociedade, é preciso perdoar a todos os que n'ellas tiveram parte, porque todos pecaram, e buscar na escuridão do passado

o traço luminoso, que sempre deixam as idéas de liberdade e de progresso.

Em quanto se passavam os factos dolorosamente memoraveis d'este periodo de elaboração social, Fontes Pereira de Mello fazia em Lisboa os seus primeiros estudos de linguas vivas e de latim, com mestres particulares, ou nãs aulas publicas que havia então nos Torneiros.

Quando, depois de uma porfiosa guerra civil, D. Pedro, o ex-imperador do Brasil, o heroico restaurador da liberdade em Portugal, entrou em Lisboa, o entusiasmo, a alegria foi grande para todos os constitucionaes. Desde aquelle dia o triumpho da liberdade, anciosamente esperado, já não podia ser duvidoso. A guerra, porém, não estava acabada ainda, e todos os que tinham força no braço para sustentar uma arma, e no coração o amor da liberdade, correram a alistar-se no exercito que devia resistir ás tropas de D. Miguel, que logo se aproximaram de Lisboa e lhe pozeram cerco. Fontes não contava ainda quatorze annos completos, quando sentou praça de aspirante a guarda-marinha (em 13 de agosto de 1833) para servir á causa liberal e seguir a mesma carreira militar, em que haviam adquirido bom nome seu pai, seu tio, e outros membros da sua familia.

Dois mezes depois o novo aspirante de marinha offerecia-se para soldado da pequena divisão commandada pelo Almirante Conde de S. Vicente, e entrava na acção de 11 de outubro, que repelliu para longe dos muros de Lisboa o exercito de D. Miguel.

III

Depois do combate das linhas de Lisboa, Fontes Pereira de Mello largou as armas, para se consagrar ao estudo na Academia Real de Marinha. A sua aptidão para as mathematicas provou-a alcançando premios no primeiro e no segundo anno do curso da Academia: no terceiro anno, em que a lei não creára premios, obteve, no exame dos estudos feitos no Observatorio astronomico, uma approvação distincta.

N'uma curta viagem ás ilhas dos Açores e Madeira, feita nas ferias de 1835 a bordo da escuna Fayal commandada por J. J. Cecilia Kol, official de marinha distincto, Fontes habilitou-se a ser promovido a Guarda-Marinha graduado. Em 1837, tendo obtido as habilitações exigidas pela lei, foi feito Guarda-Marinha effectivo.

Os estudos de Fontes Pereira de Mello na Academia dos Guardas-Marinhas valeram-lhe uma notavel honra. Um Decreto de 1805 creára n'esta escola de marinha um premio extraordinario,

para galardoar o merito excepcional. No mesmo anno em que este premio fôra creado, ao pae de Fontes Pereira de Mello coubera a honra de o alcançar. Fontes, em 1837, foi o terceiro alumno da Academia dos Guardas-Marinhas a quem o premio extraordinario foi concedido. Este premio consistia n'um excelente sextante, e em livros especiaes da arte de navegar.

Um espirito sequioso de instrucção não podia satisfazer-se com os estudos limitados, que compunham o curso dos Guardas-Marinhas. Fontes, em 1836, quando seguia ainda o curso da arma em que se achava alistado, matriculou-se na Academia de Fortificação. N'esse anno a Academia foi transformada em Escola do Exercito. Desejando entrar no corpo d'Engenheiros, Fontes seguiu o curso da nova Escola, onde alcançou dois premios no primeiro anno, e um premio honorifico no terceiro.

A Escola Polytechnica, o estabelecimento de instrucção que, nos tempos modernos, maior influencia tem tido sobre a propagação das sciencias em Portugal, e que imprimiu aos estudos um caracter de rigor scientifico e utilidade pratica, que elles antes geralmente não tinham pela sua manifesta tendencia para as theorias nebulosas, a Escola Polytechnica, que deu á instrucção superior em Portugal o caracter moderno, que, felizmente, todos os estabelecimentos da mesma ordem teem ido depois successivamente adoptando, abriu os seus cursos no anno em que Fontes frequentava a primeira cadeira da Escola do Exercito. Entre estes cursos um atrahiu logo a attenção dos estudiosos, foi o de mechanica regido pelo professor Albino de Figueiredo, notavel e ardente cultor das sciencias mathematicas. Mais de quarenta estudantes se matricularam na aula de mechanica; porém a intelligencia do maior numero não estava preparada para receber instrucção mathematica tão transcendente, e por isso só chegaram a fazer exame seis dos alumnos matriculados. Fontes foi um d'esses seis alumnos.

Despachado em 1839 tenente do corpo de engenheiros, e pouco depois ajudante d'ordens de seu pai, então governador de Cabo-Verde, partiu para esta colonia, onde residiu até 1842. Em Cabo-Verde não esteve Fontes ocioso, antes buscou aproveitar de um modo util para o Estado os conhecimentos, que nas escolas adquirira. Estudar o estado economico de cada uma das ilhas e da Guiné, e descrever essas possessões da corôa portugueza em importantes relatorios, propondo os meios de n'ellas acrescentar a actividade e desenvolver a riqueza, foi a principal occupação de Fontes nos annos que passou em Cabo-Verde: aos seus relatorios o activo engenheiro juntou as plantas que elle proprio levantou

dos principaes portos do Archipelago. Varias obras planeou e em parte pôz em execução o ajudante d'ordens do governador de Cabo-Verde; entre estas merece citar-se o projecto do Hospital da Misericordia, na cidade da Praia, cujos fundamentos foram lançados ainda no tempo em que Fontes estava n'aquella cidade.

Logo que regressou á Europa em 1842, Fontes, desejando alargar ainda os seus conhecimentos scientificos, matriculou-se no curso de astronomia da Escola-Polytechnica. Foi então que eu tive, como condiscipulo, occasião de o conhecer e de estreitar com elle relações de boa amizade, que até hoje não foram nunca interrompidas.

Uma perda dolorosa veio suspender os estudos de Fontes; foi a morte de sua esposa a sr.^a D. Maria Josepha de Souza, filha do negociante de Cabo-Verde Antonio de Souza Machado, e neta do conselheiro Martins.

A dôr de haver perdido a esposa foi-lhe ainda profundamente agravada pouco tempo depois pela morte de uma filha unica.

Fontes passou um anno separado do bulicio do mundo, e todo entregue ás saudades da esposa e da filha, que a morte lhe roubára.

Em 1844 voltou a occupar-se de trabalhos uteis para o paiz e para a sciencia, entrando na commissão dos trabalhos geodesicos e topographicos do Reino, dirigida pelo muito estimavel e muito distincto lente da Escola Polytechnica o Dr. Filippe Folque.

(Continúa).

JOÃO DE ANDRADE CORVO.

CARTA Á REDACÇÃO

Amigos e Senhores Redactores

Aqui ha tempos ninguem me resolveria a condescender na publicação do que vos offereço, pedindo-vos eu mesmo o insirais no vosso interessante livro. Como depressa e em bem se mudou tudo! Era moda, como sempre o foram a perguica e a incuria, zombetiar da litteratura classica e dizer-se, por dizer alguma coisa, que de gente morta como eram gregos e latinos não havia proveito que sacar, e qualquer folhetim francez nos formava muito melhor e mais depressa para escrevermos e poetarmos.

A criação do curso superior de letras se não acabou já de todo com essa tonteria ignara, declarou-lhe guerra; começa-se a reconhecer que era absurdo o aforismo dos madraços, e não tardará que reflorêsca, tambem entre nós (bem haja El-Rei) a par com o estudo do moderno o estudo do melhorado, que nos veio d'outras eras.

Folgo de ver a par com a cadeira de litteratura moderna a da litteratura antiga, e muito mais ainda folgo, e por honra da nossa patria me glorio de contemplar, como uma e outra vão regidas.

Agora pois que já não ha medo a escarneos por se dizer que houve engenhos bons ha dezoito seculos, e que não será despropósito saber-mos o que esses bons engenhos produziram, comecemos a trasladar para a nossa lingoa monumentos milanariõs emfim vingados de tão longo olvido.

Oxalá que assim como regimento se acudiu á fundação de uma escola de litteratura antiga, leccionada pelo mais erudito e habil mestre, e seguida pela nossa mais esperançosa mocidade, em cujo numero figuraes vós meus Amigos Redactores, assim tambem se complete a boa obra promovendo-se, ou regia, ou legislativa, ou academicamente, a cabal versão de todos os poetas e prosadores da Grecia e Roma, pois me parece util, util summamente, senão indispensavel, que á mão se tenham para leitura facil e convidativa todos esses escriptos, sem cuja presença e tracto diurno, e nocturno o juizo e a critica a seu respeito pouco poderam aproveitar; fariam, como azenha sem grão, mais estrepito que farinha.

Mas sobre isto supponho eu ter já dito quanto basta na minha carta a El-Rei estampada no vosso repositorio.

Agora só accrescento que se vos aprouver publicar esta amostrinha de traducção do latim com as poucas paginas de prosa que a precedem, me dareis afoiteza para vos fazer brindes semelhantes mais algumas vezes.

Sei que o jornal se intitula, *Revista Contemporanea*; mas sei tambem que entre as novidades contemporaneas mais festejaveis, figura o estudo do que lá vai, e com ter ido não passou nem ha de passar nunca.

Lisboa 18 de Março de 1861.

Sou etc.

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.

SOBRE O MORETUM

Apeteceis conhecer o que era o *Moretum*? Era um conducto rusticissimo dos antigos romanos; só por isso é que ritualmente o apresentavam nos banquetes de Cibelle na capital do mundo, e nos dias do seu maior esplendor; temos á mão com que vos satisfazer a curiosidade; desaffiar-vos o appetite, não diremos. Era o *Moretum* confeição para nós hoje em dia antipathica em tanto auge, que nos obriga a exclamar, como Horacio contra o alho, «ó brutos estomagos dos lavradores» E *alhada* seria de feito a mais acertada traducção de *moretum*; *agliata* lhe chamam os italianos.

¿Porque será que tendo sobrevivido aos regalões romanos tão diminutas noticias da sua arte culinaria, e da sua conservaria, não despicienda apesar da falta do assucar, se nos conservou inteira, completa, e mais que minuciosa, a receita d'uma comida

tão vilã? Aos banquetes opiparos dos Sálios, porta fechada; para um almoço de *Moretum* na choça de um hortelão da antiga Nápoles, entrada franca.

Não só havemos de comer em espirito o *Moretum*, unico modo porque nos parece tragavel, mas até havemos d'assistir á apanha dos seus ingredientes, e á sua circumstanciada manipulação.

As céas pontificaes só assistiriam voluptuarios, a quem pouco se dava da cosinha e seus arcanos, uma vez que as iguarias chegassem aos triclinios merecedoras de que as precedessem flautistas, e as acompanhassem como em triumpho mimos e psaltrias; mas pelo casalejo de Similo passou um poeta; namorou-o a amenidade da horta, que no seu tanto nem jardins de Alcino lhe davam de rosto; entrou, (viria de Roma, ou iria para Roma,) tudo que o interior do tugurio lhe descubriu do viver laborioso e simples d'um solitario contente e feliz com tão pouco, o induzio a reflectir com amor, se lhe não suscitou boas invejas. Nessa hora; comparando caladamente os faustos e os estrondos da capital do mundo com a profunda paz de tal vivenda, onde por sentinella bastava o gallo, para muralhas um canaveal, e por escravaria um par de novilhos e uma preta, temperou por força a sua poesia com uma philosophia sempre velha, mas para elle então como que nova: a philosophia, que em estilo aforismatico de sabios da Grecia insina a contentar com pouco, e a sonegar a existencia aos olhados da inveja, e aos vaivens da fortuna.

¿Como se chamava esse poeta? ninguem hoje o sabe ao certo para o afirmar; creem uns que fosse Aulo Septimio Sereno, contemporaneo de Vespasiano, nado na Africa Romana, e creado em Roma; author de poemetos campestres *Opuscula Ruralia* de que só duram fragmentos; outros teem que fosse Virgilio.

Os eruditos que o disputem se lhes dá cobiça; o que eu sei, é que este poema, se bem conheço o meu amigo Virgilio, é todo conforme aos gostos nativos do Theocrito, Hesiodo e Homero romano.

Não me aleguem por argumento em contrario o não haver nestes versos, nem a altiloquia heroica, nem o didactico sobrio e ornamentado, nem o pastoril, delicado ingenhoso, mas simples. Cada genero litterario tem lá suas leis peculiares.

Descriptas servare vices operumque colores.

Virgilio pelo seu optimo senso, bem o sabia e optimamente o manifestava, em tudo que saía do seu calamo para o papiro, ou

do seu stylo para as tabellas. As suas tres grandes obras, cada uma prima e primorosa na especie a que pertence, só 'nisso se irmanam umas com as outras; no demais seria difficil compa-ral-as; o que se pode dizer considerando-as, é que tiveram o mesmo pai, e que o pai era um formoso genio; as feições, as maneiras, os gestos, e os primores d'aquellas tres irmãs, tão di-versamente dotadas e educadas, tanto se extremam entre si, que Bucolica, Georgica, Eneida, são tres individuos poeticos tão impos-siveis de confundir como os assumptos em que se exercem: o ocio dos pegoreiros, a actividade dos lavradores, as proezas dos heroes.

São como as tres graças que todas ressumbram n'o rosto, nos ademanes, na suavidade, a sua origem celeste, mas que certa-mente haviam de ter indoles, dominios, e influxos demarcados e privativos.

Se considerarmos o *Moretum* só pelo vulto, de longe, e de pas-sagem, parecer-nos-ha pouco mais que uma receita em verso escripta, segundo a suspeita de um nosso amigo muito douto, por alguma cusinheira curiosa e lettrada d'aquelles tempos. Mas se mais attentos o espreitarmos bem por dentro incherгал-o-hemos recheado de pequenas bellezas a fugir, que não deixam de ter o seu *quid* Virgiliano. Está-nos lembrando aquelle cepo de quasi informe escultura que simbolisava as graças; adoravam-no os gregos não pela exterioridade, senão porque logo que se abria, se descortinava enchamiado de um sem conto de graçazinhas, qual a qual mais linda, e primorosa. É lel-o reflexivamente. Com que industria não vão alli semeados com um descriptivo de coi-sas triviaes, minucioso em verdade, mas intencionalmente mi-nucioso e de não leve merito por parte da exacção, da clareza, e do seu remoto de dois mil annos; com que industria, repetimos, não vão alli semeados toques de moral, de philosophia, de sau-dade, e de amor á natureza, quaes ao mantuano caíam sempre sem se sentir!

Nos campos de Andes, aldeola convisinha a Mantua, nascêra e se creára Virgilio. Se a ventura sob o aspecto de desgraça o conduziu depois á capital do mundo; se o seu genio lhe fran-queou os palacios de Mecenas e de Cezar; se ahi conviveu com os primeiros homens do grande seculo; se os seus versos eram admirados na côrte, e applaudidos nos theatros; se o povo pa-rava para o ver nas ruas, e nas reuniões festivas dos especta-culos, saudava o seu apparecimento como de principe; se a mu-nificencia imperial lhe liberalisou com que haver vivenda lu-xuosa no ostentozo bairro das Esquilias, contigua aos jardins de

Mecenas, nunca jural-o-hiamos, em meio de tão levantadas magnificencias, se lhe desluziram do espirito affectuoso as memorias d'aquellas amenissimas pobrezaas de sua creação; a *Eneida* mesma nol-o manifesta a cada passo. ¿Que versos ha ahi 'nesse opulento inventario das grandiosidades romanas, chamado Eneida que nós reliamos com mais satisfação e com mais satisfação podessem ter sido escriptos pelo auctor que os relativos ao viver semi-silvestre de El-Rei Evandro? Como tudo aquillo é campesino; como se está bem 'naquelle paço-choupana, entre arvores incultas sem guardas pretorianas, nem outras alvoradas se não as dos passarinhos! ¿E onde nos põe elle todas essas nativas simplesas, tão descansadas, tão sonoras, e tão fragrantas? no proprio torrão onde as está celebrando 1300 annos depois, quando os bosques e os pastios, são ruas, foros, templos, theatros, banhos e palacios!

Estas contraposições da opulencia contemporanea com os primordios selvaticos, namoravam a todos os poetas do seculo cesario; é abrir Ovidio ao acazo nos *Fastos*.

Mas o contraste só por si não tinha toda a razão de se elles voltarem tão complacentes e amiude para essas reminiscencias d'outras eras. Das suas memórias biographicas se deprehende quanto o ocio amenissimo dos campos, poesia já feita pela propria natureza, os seduzia, e os inspirava. Ovidio rusticava de muito boa mente, por elle mesmo o sabemos; ¿poderia Virgilio deixar de o fazer?

Diz Juvenal que Virgilio se não houvera sido rico, e disfructado as commodidades da vida, não teria saido tamanho poeta. O nosso Garção diz o contrario a proposito de Camões:

«Não escreve *Lusiadas* quem janta
Em toalhas de Flandres, quem estuda
Em camarins forrados de damasco.»

Nem um nem outro tem razão, parecendo ambos tel-a; o que é certo é que se Virgilio enriqueceu, e poetava a sua *Eneida* em casarias suas muito nobres, no bairro das Esquilias com boa livraria, paineis e servos, e provavelmente carruagem e cadeirinha, as *Eglogas*, a *Georgica*, e muitos outros dos seus poematos ingeitados, e muitas descripções e comparações das mais famosas, profusamente sementeas na mesma *Eneida*, trouxeram origem dos primeiros annos da sua vida, dos tempos, em que era pobre, morava na aldéa, e vivia familiarmente com a natureza campestre. As hortas dos *Similos* muitas vezes lhe haviam de lembrar em casa de Mecenas, e no palacio do Imperador.

Da *Georgica* se crê haver sido emprehendida por conselho de Mecenas, para ver se pela poesia os romanos se voltavam um tanto para o amor da agricultura, delicias dos seus antepassados. Se assim foi, excellente era o intuito; porque o trato da terra corria então em grande desamparo; triste resultado da expoliação de tantas propriedades ruraes em favor das tropas; da diminuição de braços consumidos pelas guerras; dos habitos luxuosos, introduzidos pela opulência das conquistas; e emfim dos latifundios, que mantinham sob o dominio esteril de poucos, solo que houvera alimentado a innumeraveis. Boa politica foi por tanto essa de Mecenas, se elle a aventou, e bem discreta a escolha, que de Virgilio fez para lh'a realisar; mas como o supposto se não prova, inclinamo-nos antes a deixar toda a honra da iniciativa ao proprio poeta; e não empregámos bem a palavra honra; foi só o seu pendor natural o que sem nenhum esforço para alli o conduziu, como em qualquer idade nos repastamos por instincto nas lembranças da nossa infancia.

Ou áquella idéa de Mecenas, ou a esta, que lhe nós antepômos, podemos tambem em parte attribuir a anterior publicação das *Bucolicas*; collecção de alguns poemas curtos, e de natureza pelo demais arcadica compostos por Virgilio. O poeta, chamando *Eglogas* a esta collecção, o que nos dá a idéa de escolha, despediria d'ella, pelas reputar mais fracas, outras suas composições de indole muito analoga; 'nesse refugo se comprehenderia o *Moretum*, o *Hortulos*, a *Copa* e o *Culex*; opusculos que têm entre si uma grande fraternidade de espirito.

Quanto á *Copa* não é decerto para desdenhar a opinião de Filarette Chasles, que teima e bate fé em como é Virgiliano aquelle brinco. Pelo que respeita ao *Culex*, Marcial mesmo o dá sem controversia por Virgiliano com reconhecer-lhe menos quilates :

*Protinus Italiam concepit, et arma virumque
Qui modo culicem fleverat ore rudi...*

Já alguém, querendo vir comigo a bom concerto [sobre a paternidade do *Moretum*, me disse que se de Virgilio era, aos seus primeiros annos se devia attribuir, e adscrever-se ás suas ainda balbuciantes tentativas, mais de metrificador descriptivo que de poeta. Com toda a minha consciencia repulso como injusta a affronta da concessão. Acho eu mais provavel que o *Moretum* fossè escripto no seu luxo de Roma do que ao sair da sua infancia rustica; porque, se elle tivesse debaixo dos olhos os ob-

jectos que no poema se descrevem, e não collocados na distancia que os torna artisticos, não seria tentado a miudial-os por tal arte. Dizia Rousseau, que para bem fallar da liberdade lhe conviria estar na bastilha. Nesta parte todos nós temos o nosso tanto quanto de Rousseau.

Seria facil aproximar a muitos dos versos do *Moretum*, muitos outros do author que lhe suppomos; mas contentamo-nos de apontar para que se note, aquella admiravel comparação, que o poeta nos faz do Vulcano madrugando para ir fabricar o escudo de *Eneas*, com a mãe de familias, pobre, virtuosa, e vigilante. Esta comparação, simples e formosa como uma parabola biblica, é repassada da sensibilidade melancolica, e semi-christã do nosso inimitavel poeta.

Eil-a aqui:

«Inde ubi prima quies medio jam noctis abactæ
Curriculo, expulerat somnum, cum femina primum
Cui tolerare colo vitam tenuique Minerva
Impositum, cinerem et sopitos suscitât ignes
Noctem addens operi, famulasque ad lumina longo
Exercet penso, castum ut servare cubile
Conjugis, et possit parvos educere natos.»

Para os que se não podem regallar com a leitura de tão finos versos aqui lh'os damos traduzidos pelo bom João Franco Barreto; é um panno de raz pelo avesso; mas paciencia, que o não ha melhor para elles.

Assim como a mulher a quem agrada
Passar co'a roca, ou com tear a vida,
Que se levanta mui de madrugada,
E esperta a cinza, e flamma amortecida
Accrescentando á obra a socegada
Noite, e á luz da luzerna apercebida
Em um longo fiar, cuidosa e afflicta
As famulas occupa, e exercita,
Para que guardar possa castamente
O leito e cama do marido amado,
E os seus pequenos filhos alimente
Que ambas as coisas lhe dão gran cuidado.

Pergunto aos que puderam ler devidamente aquelles versos latinos: esta cuidosa mãe de familias não sera irmã legitima

do Similo do *Moretum*? Porém insistirá talvez alguém: ¿onde ha ahí por cima de todo este perpétuo descrever do *Moretum*, coisa que se assimelhe á idealidade, sem a qual se não concebe nem poesia nem Virgílio? onde! em tudo ou quasi tudo, quando se queira e saiba ler sem prevenção adversa; mormente cá tão longe e tão tarde. Vista faz fé. Ahí vae o *Moretum* com a sua quasi servil traducção em alexandrinos de rimas alternadas.

MORETUM

AO EX.^{mo} SNR. CONSELHEIRO ANTONIO JOSÉ D'AVILA

Jam nox hibernas bis quinque peregerat horas,

Excubitorque diem cantu prædixerat ales,

Dez horas ha que é noite; a alada sentinella
d'entre a bruma invernosa o dia emfim revela.

Similus exigui cultor quum rusticus horti

Tristia venturæ metuens jejunia lucis,

Membra levat sensim vili demissa grabato,

Sollicitaque manu tenebras explorat inertes,

Vestigatque focum, læsus quem denique sensit.

Similo, de horta escassa o rustico abegão,
em seu grabato acorda; o frio em vão
lhe aconselha que jaza, embora o gallo cante;
a luz que já lá vem lhe diz que se alevante:
que ao diario sustento é forçoso acodir.

Remancha.... mas surgiu.

Co'os olhos de dormir

vai tacteando o escuro; acha o lar; palpa, e sente
morder-lhe do borralho a occulta braza ardente.

Parvulus exusto remanebat stipite fumus,

Et cinis obductæ celabat lumina prunæ:

Admovet his pronam summissa fronte lucernam,

Et producit acu stupas humore carentes,

Despendura a candeia; inclina-a devagar

para o debil clarão que resurgiu no lar;

toma a espevitadeira; e co'a fronte pendida

pucha, aproxima, accende, a estopa da torcida.

Excitat et crebris languentem flatibus ignem.

Tandem concepto tenebræ fulgore recedunt,

A poder de soprar reanima o fogo; já

co'a fogueira vivaz rindo a cosinha está.

Oppositaque manu lumen defendit ab aura,

Et reserat clausa, quæ pervidet, ostia clavi.

Fusus erat terra frumenti pauper acervus:

Guardando a luz co'a mão contra o vento protervo,
chega ao seu celeirinho; abre-o, e entra; um acervo
não mui alto, de trigo, ali por terra jaz.

Hinc sibi depromit quantum mensura petebat,
Quæ bis in octonas excurrit pondere libras.

Toma d'elle a porção que julga ser assaz,
a libras dezasseis no pezo equivalente.

Inde abit, assistitque molæ: parvaque tabella,
Quam fixam paries illos servabat in usus,
Lumina fida locat, geminos tunc veste lacertos
Liberat, et cinctus villosæ tergorè capræ
Perverrit cauda silices, gremiumque molarum.

Ao moinho de mão caminha em continente.

Pregada na parede está junto da mó
uma prateleirinha, ordenada tão só
para lhe ter a luz em quanto móe. Desnuda
os braços; avental, deu-lh'ó cabra felpuda;
inda a cauda lá pende; ergue-a, e com ella o pó
varre mui bem de dentro e em derredor da mó.

Admovet inde manus operi partitus utramque:
Læva ministerio, dextra est intenta labori.
Hæc rotat assiduum gyris, et concitat orbem.
Trita Ceres silicum rapido decurrit ab ictu
Interdum fessæ succedit læva sorori,
Alternatque vices: modo rustica carmina cantat,
Agrestique suum solatur voce laborem.

Escasqueado o ingenho, eis dá principio á lida,
entre direita e esquerda irmãmente partida;
que a moagem sonora occupa ámbas as mãos:
a direita, a girar; a esquerda, a dar os grãos.
O rodar se afferventa; a pedra do moinho
vôa cada vez mais em alvo remoinho;
do grão que entrou doirado albida chuva sae.
Se a dextra cança, a irmã presto suppril-a vae.
Ajudam-se uma á outra, e zombam da fadiga.
Só, calado, e lidando, é máo; venha a cantiga,
a campestre cantiga herdada já de avós,
tão d'elle e tão de molde á sua agreste voz.

Canta. Onde ha hi canceira em meio a taes cantares?

Interdum clamat Cybalen: hæc erat unica custos,
Afra genus, tota patriam testante figura,
Torta comam, labroque tumens, et fusca colore:
Pectore lata, jacens mammis, compressor alvo,
Cruribus exilis, spatiosa prodiga planta:
Continuis rimis calcanea scissa rigebant.

Outro folego vivo inda ha porem nös lares:
 Cibale; entra a chamal-a; é tempo de se erguer;
 Cibale, do cazal e do seu pobre haver
 a serva guardadora. A pinta não engana;
 quem 'nella os olhos põe, diz logo: és Africana.
 Lã por cabello; o beicho, inchado; escura a tez;
 no peito ampla extensão; nos seios flascidez;
 o ventre comprimido; a perna sem grossura;
 o calcanhar gretado; a planta enorme e dura.

Hanc vocat, atque arsura focis imponere ligna
 Imperat, et flamma gelidos adolere liquores;
 Postquam implevit opus justum versatile finem
 Transfert ille manu fusas in cribra farinas,
 Et quatit; ac remanent summo purgamina dorso:
 Subsedit sincera, foraminibusque liquatur
 Emundata Ceres, lævi tum protinus illam
 Componit tabula, et tepidas superingerit undas:
 Contrahit admistos nunc fontes, atque farinas.
 Transversat durata manu; liquidoque coacto,
 Interdum grumos spargit sale, jamque subactum
 Format opus, palmisque suum dilatat in orbem,
 Et notat impressis æquo discrimine quadris.

Torna a chamal-a; chega; ordena-lhe ao fogão
 metter lenha, pôr agua ao lume.

A rotação

já deu fim á tarefa; agora a mão ligeira
 lança todo o moído á concava peneira,
 e sacode-a, e sacode-a, até que a semia vil
 pule extreme ao de cima; em baixo, a flôr subtil,
 da farinha fugida á nuvem grossa e leve,
 poisa, se alastra, alveja em cumulos de neve.
 Em liza taboa a ajunta, a amontôa mui bem;
 infunde-lhe porção d'agua que ao lume tem;
 mistura, volve, amassa, endurece, redobra
 as abas para o centro; em quanto adianta a obra
 vae na massa lançando em conta o vitreo sal.
 Amassou, tende.

É prompto o pão, don cereal,
 disco achatado e amplo, em quadros compartilhado.

Infert inde foco; (Cybale mundaverat aptum
 Ante locum) testisque tegit; superaggerat ignes.

Já o lar do fogão, por Cibale varrido,
 chamando a bóla está; prompto ali a introduz;
 por cima um testro põe. Sobre o testro reluz

de ascuas em abundancia esplendida larada.

Dumque suas peragit Vulcanus, Vestaque partes,
 Similus interea vacua non cessat in hora:

Cumpram Vulcano e Vesta a parte que lhe é dada,
 que a Similo entretanto incumbe outro mister.

Verum aliam sibi quærit opem: neu sola palato
 Sit non grata Ceres, quas jungat, comparat escas,

Não lhe basta haver pão; tambem conducto quer.

Non illi suspensa focum carnaria juxta,
 Durati sale terga suis, truncique vacabant,
 Trajectus medium sparto sed caseus orbem,
 Et vetus adstricti fascis pendebat anethi.

Não tem na chaminé suspensos ao fumeiro
 salgado lombo, ou pás de javali caseiro,
 com que a seu parco ventre opimas glorias dê;
 o que em cordão de esparto enfiado ali se vê
 é só redondo queijo, e um mólhinho pendente
 de endro secco e sem côr; mas inda rescendente.

Ergo aliam molitur opem sibi providus heros.

Fraca pitaça aquella, a quem tão prompto esmoe!
 de algures hade vir remedio ao nosso heroe;

Hortus erat junctus casulæ, quem vimina pauca,
 Et calamo reciviva levi munibat arundo:
 Exiguus spatio, variis sed fertilis herbis.

vem, e não vem de longe.

Ao rés da choupaninha

fica a pequena horta, a próvida visinha,
 com vimes por tapume e seu canavial
 que offerta annual um corte, e rebenta annual.
 Não é amplo o torrão; porém no bem disposto,
 no crear tudo e bom, a todos dá de rosto.

Non illi deerat quod pauperis exigit usus.

Interdum locuples à paupere plura petebat.

Nada fallece ali do que ao pobre convém;
 ¿que digo? o proprio rico ali mil vezes vem,
 buscar com que accrescente os dons da lauta mesa,
 se é pobreza, á riqueza acóde esta pobreza.

Nec sumptus erat illud opus, sed regula curæ:

Taes fructos provirão do grande despende?

oh! não; trabalho e rega é que dão tanto haver;

Si quando vacuum casula, pluviaeve tenebant,
 Festave lux, si forte labor cessabat aratri,
 Horti opus illud erat, varias disponere plantas
 Norat, et occultæ committere semina terræ,
 Vicinosque apte cura summittere rivos.

se vem fechado de agua um dia em que não possa
 alongar-se do lar, perder de vista a choça;
 se vem outro de festa; em summa: se, depois
 que a lavoira acabou, dá folga a arado e bois,
 é todo horta e mais horta; esse tracto campestre
 não tem devoto igual, nem mais insigne mestre.
 Sabe como ninguem dispôr em seu logar
 cada planta diversa; as leis do semear;
 a arte de conduzir de canteiro em canteiro
 pelos vitreos canaes um fluido rigueiro.

Hic olus, hic late fundentes brachia beta,
 Fecundusque rumex, malvæque inulæque virebant.
 Hic siser, et capiti nomen debentia porra.
 Hic etiam nocuum capiti, gelidumque papaver,
 Grataque nobilium requies lactuca ciborum,
 Et gravis in latum demissa cucurbita ventrem.

Como lhe medra a couve entre essa fresquidão!
 como a acelga se alastra! oh! como a pulos vão
 as labças medrando! e aléma malva ufana!
 e aqui toda viçosa a enula campana!
 e a cherivia! a cebola! a formosa cruel
 dormideira, que mata, e confeitada em mel
 se a torraram primeiro é bello postre! e a alface
 que entre lautos festins mostra sem pejo a face!
 e a abobora bojuda, o monstro vegetal
 que onde nasceu, poisou em somno perenal!

Verum hic non domini (quis enim contractior illo?)
 Sed pópuli provenctus erat, nonisque diebus
 Venales humero fascès portabat in urbem:
 Inde domum cervice levis, gravis aère redibat,

Com tanta profusão quem é que se regala?
 o povo; ao fazendeiro, o gosto de creal-a
 lhe basta; homem tão sóbrio ainda não nasceu.
 Cada nundina vae d'este grangeio seu
 os fructos, como ouriço elle proprio avergado
 leval-os á cidade, expól-os no mercado,
 d'onde, acabada a venda, ao seu casal feliz
 volve, quente de bolsa e leve de cerviz.

Vix unquam urbani comitatus merce macelli.
 Capa rubens, sectique famem domat area porri,
 Quæque trahunt acri vultus nasturtia morsu,
 Intubaque, et Venerem revocans eruca morantem.

Se traz carne do açogue é rara vez na vida;
 qualquer coisa lhe basta e sobra por comida:

a cebola vermelha, o picante agrião,
a roda do alho porro, o almeirão e o rinchão,
o rinchão que do amor excita ás igneas festas.

Tum quoque tale aliquid meditans intraverat hortum.
Ac primum leviter digitis tellure refusa,
Quatuor educit cum spissis allia fibris.
Inde comas apii graciles, rutamque rigentem
Vellit, et exiguo coriandra trementia filo.

Cogitando talvez alguma coisa d'estas,
entrou na horta pois; direito aos alhos vae;
co'os dedos fossa a terra; um, dois, mais dois, extrae;
de aipo uns raminhos colhe, arruda, e mais coentro.

Hæc ubi collegit, lætum consedit ad ignem:
Et clara famulam poscit mortaria voce.

Regressa para casa; e apenas está dentro
senta-se ao vasto lume, e pede á serva o gral.

Singula tum capitum numero cortice nudat,
Et summis spoliat coriis, contemptaque passim
Spargit humi, atque abicit; servatum gramine bulbum
Tingit aqua, lapidisque cavum demittit in orbem.

Cebolas péla; em torno alastra-se o estendal
das camizas subtlis que engeita; emfim já franco
aparece lustroso o bolbo interno branco;
em agua o banha, e o lança ao marmoreo pilão.

Hinc salis inspergit micas, sale durus adeso
Caseus adjicitur, dictas superingerit herbas,
Et læva vestem setosa sub inguina fulcit.

Deita sal, deita queijo a que inda unidas vão
novas codeas de sal, um queijo ressequido;
e ajunta áquillo tudo as hervas que ha trazido.

Entre as coxas co'a sestra o fato submetteu

Dextera pistillo primum fragrantia mollit
Allia: tum pariter misto terit omnia succo.

co'a mão do gral a dextra exerce o lavor seu;
móe os alhos primeiro, e logo de mistura
tudo o mais que apanhou se esmaga, se tritura;

It manus in gyrum: paullatim singula vires
Deperdunt proprias: color est è pluribus unus.
Nec totus viridis, quia lactea frusta repugnant,
Nec de lacte nitens, quia tot variatur ab herbis.

funde os sumos 'num sumo, as côres 'numa côr;
alva não, que se oppõe das hervas o verdor;
mas verde tambem não, que das hervas o verde
do queijo co'a brancura o ser nativo perde.

Sæpe viri nares acer jaculatur apertas
 Spiritus, et simo damnat sua prandia vultu.
 Sæpe manu summa lacrymantia lumina tergit,
 Immeritoque furens dicit convitia fumo.

Os cheiros igualmente eram tantos, são um;
 acre, importuno, acerbo, asperrimo fortum,
 que as largas ventas lhe enche, e o faz torcer a cara.
 A quebra do jejum sâe-lhe ao nariz bem cara;
 choram-lhe os olhos; raiva, e enchugando-os co'a mão
 contra o fumo sem culpa exala a indignação.

Procedebat opus, non jam salebrosus, ut ante,
 Sed gravior lentos ibat pistillus in orbes.

Pouco resta a fazer; já tudo é massa branda
 e em menos leve giro a mão do gral já anda.

Ergo Palladii guttas instillat olivi,
 Exiguique super vires infundit aceti,
 Atque iterum commiscet opus, mistumque retractat.

Instilla o de Minerva aurifluo licor
 co'um golpe de vinagre, e torna a sotopôr
 pela ultima vez o polme rescendente
 ao macio girar da clava contundente.

Tum demum digitis mortaria tota duobus
 Circuit, inque globum distantia contrahit unum:
 Constet ut effecti species, nomenque Moreti.

Concluiu, raspa o gral co'os dedos; junta, e põe
 tudo 'num monte, o alisa, o vulto lhe compõe
 na costumada fórma e co'o sabido aspecto
 do que entre os aldeões tem nome de Moreto.

Eruit interea Cybale quoque sedula panem:
 Quem lotis recipit manibus, pulsoque timore
 Jam famis, inque diem securus Similus illam,

Cibale, sempre attenta ao que ao seu cargo tem
 saca o pão do borralho, apresentar-lh'o vem.
 Lava o rustico as mãos primeiro que lh'o tome,
 e recebe-o folgando; agora é rir da fome;
 já para todo o dia á farta se proveu.

Ambit crura ocreis paribus, tectusque galero
 Sub juga parentes cogit lorata juvencos,
 Atque agit in segetes, et terræ condit aratrum.

Pois se desjejuou, toca ao trabalho seu.
 De botas e sombreiro emfim sae da cabana,
 Os bezerros, que ao lado esmoem na arribana

dobram á dura canga a callosa cerviz;
são horas de ir lavar.

Vel-os lá vão servís,
antes doceis, á voz do seu agreste amigo,
revolver esse chão, que espera o loiro trigo.

NOTAS AO POEMA PRECEDENTE

Nota 1.^a

Dez horas ha que é noite; a alada sentinella
d'entre a bruma invernosa o dia emfim revela.»

Ainda no pressuposto de ser de Virgilio este poema importa ser lido com critica. Perguntamos pois como é que no coração do inverno se podiam encontrar n'uma horta de Italia os alhos já creados, e todas essas plantas de primavera e estio que adiante se descrevem? Aqui o borda d'agua daria quináu ao author das *Georgicas*. E um anachronismo, se assim nos podemos expressar, de mais grave natureza que o dos amores de Dido com Eneas. Os taes seculos que os apartavam podiam não ter existido; só a história é que dava por isso; mas aqui é a natureza mesma, a natureza patente até aos rusticos, a que está clamando contra a mistura de estações oppostas. Para desculpa, ou attenuação de culpa o mais que podemos dizer é que o poeta enlevado no gosto da casinha rustica se esqueceu da quadra do anno em que estava; imaginou que a via em toda a pompa da vegetação. Julgaveis lá infalliveis quando nem um engenho tão escrupuloso se isenta de similhantes aberrações.

Nota 2.^a

«Similo de horta escaça o rustico abegão.»

Similo, ou Simulo que o nome em diversas edições diversifica. Um commentador presume que o poeta dera esta nome como alcunha ao seu camponio como quem dissera o ventinhas de borrego, que verdadeiramente a ser a palavra adjectivo bem a pode significar; mas não engraçamos com a interpretação. Fosse o autor quem fosse não nos parece que houvesse elle tão ruim gosto que logo de principio assim rediculisasse o bom do seu heroe.

Nota 3.^a

«..... porção que julga ser assás
a libras dezasseis no peso equivalente.»

Como totalmente falho em materias de conta pezo e medida, tive de ir para a intelligencia d'este passo a fonte limpa. Eis o que sobre a materia me esplanou S. Ex.^a, o meu amigo, o Sr. Antonio José de Avila:

«A unidade das medidas de capacidade entre os Romanos era a *Amphora*, que se dividia em duas *Urnas* ou em tres *Modius*. A Urna comprehendia pois $1\frac{1}{2}$ Modio.

O Modio era a sexta parte do *Medimno* medida de capacidade entre os Gregos, que servia para a medição dos cereaes como o Modio entre os Romanos. O que se vê de muitas passagens de Authores Gregos e Latinos, e com especialidade da que vamos citar, que está mais em relação com o nosso assumpto.

Plinio (Hist. Nat. 18. 12) diz que os trigos das Gallias e do Chersoneso erão os mais leves de todos os que erão levados a Roma; porque o Modio não pesava em grão mais de vinte Livras — «*Si quis granum ipsum ponderet*» — Que o trigo da Sardenha pesava meia Livra mais; e o de Alexandria dez Onças (a Livra Romana tinha 12 Onças), que era tambem o peso do da Sicilia. Que o trigo da Beocia pesava uma Livra mais, e o da Africa uma Livra e tres quartos.

No mesmo Livro 18 Cap. 11 diz Plinio, que o trigo da Italia era o melhor de todos, quanto á alvura, e ao peso; e que depois d'elle vinha o trigo da Beocia, da Sicilia e da Africa.

Segundo Boeckh (*Économie politique des Athéniens*) dava-se por dia entre os gregos a um escravo adulto para o seu sustento um *Chenice* ($\frac{1}{48}$ do Medimno) de trigo. Pouco mais se dava ao soldado Romano, como affirma Polybio.

O sustento de um homem adulto entre os Romanos pôde pois calcular-se por dia em $\frac{1}{8}$ do Modio de trigo.

O Modio era igual a litros..... 8,6658

O Alqueire de Lisboa (Trigoso — Mem. Econ. da Academ.

R. das Sc. de Lisboa — Tom. 5.^o pag. 344.) é igual a

litros..... 13,83

Logo o Modio era inferior ao nosso alqueire de Lisboa, e correspondia approximadamente a $\frac{5}{8}$ d'aquella medida ($\frac{10000}{13935}$).

Suppondo, que o Modio do trigo de Italia, a que se refere o Author, pesava 22 Livras, serião as 16 Livras de trigo, que forão empregadas na panificação, iguaes a $\frac{16}{22}$ ou a $\frac{8}{11}$ do Modio, isto é, a $\frac{5}{11}$ do nosso alqueire de Lisboa ($\frac{8}{11} \times \frac{5}{8}$), approximadamente, ou a menos de meio alqueire.

Equivalendo as 16 Livras de trigo a $\frac{8}{11}$ do Modio, sendo o sus-

tento de um adulto por dia $\frac{1}{8}$ do Modio, seriam as mesmas 16 Livras o sustento d'um homem em 6 dias ($\frac{1}{8} : \frac{3}{11} : 1 : x = 5,818$), ou de uma familia de duas pessoas em tres dias.

Se um $\frac{1}{8}$ do Modio era o sustento d'um adulto por dia, seria o sustento do mesmo por anno $\frac{1}{8} \times 365 = 45$ Modios, 625.

Sendo o Modio $\frac{3}{8}$ do nosso alqueire de Lisboa, seriam aquelles 45 Modios, 625 = 28 alqueires 51 centessimos, pouco mais de 28 $\frac{1}{3}$ alqueires.

Cumpra advertir que os processos de panificação entre os Romanos não eram tão aperfeiçoados como o são hoje: d'onde resulta que a mesma porção de trigo dava n'aquelle tempo menos pão do que dá hoje.

Deve ainda notar-se que sendo a Livra Romana igual a $\frac{3}{7}$ approximadamente da nossa Livra de 16 onças, o Modio de trigo, que pesava 22 Livras Romanas, pesava approximadamente 15 arrateis $\frac{3}{4}$ do noso peso.

E as 16 Livras de que falla o Poeta corresponderião a 11 arrateis $\frac{3}{7}$.

ANTONIO JOSÉ D'AVILA.

Nota 4.^a

«Ao moinho de mão caminha em continente.»

Sabido é que os romanos tinham para moer o trigo seus engenhos movidos já por escravos, já por animaes; mas por aqui se vê que empregavam tambem o moinho de mão, provavelmente o mais antigo de todos e ainda hoje usado em muitas casas rusticas.

Nota 5.^a

«..... o pão, don cereal,
disco achatado amplo, em quadros compartido.»

'Numa padaria que se descobriu em Pompeia acharam-se ainda pães redondos e chatos, de oito polegadas de diametro e com seus lavores por cima; um d'elles em quadrados.

Em muitas partes se conserva ainda um uso semelhante.

Nota 6.^a

«De aipo uns raminhos colhe, arruda e mais coentro»

Ainda hoje por muita parte de Italia e nomeadamente em Napoles entre os camponezes serve a arruda de tempero; além de lhe attribuirem virtude contra vermes, e outras, acham-n'a grata ao paladar; e já se vê que não é desagradavel ao olfato.

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.

AMOR TIRANDO A VENDA

Ha quem pense que o theatro é apenas o recinto cujas barreiras naturaes são os bastidores e o panno-de-fundo, e que em correndo abaixo o panno-de-bocca, acabou, em todos os seus effeitos, aquelle mundo de illusões e chimeras, em que os vegetaes são de papelão pintado; os mares embravecidos, tiras de lona oscillantes; e as mais irritadas procellas, algumas combinações de mixtos incendiaveis, fabricadores d'aquelles medonhos raios que vemos atravessar a scena em zigzag.

E todavia não é assim.

O theatro, verdadeiramente, começa do panno-de-fundo para lá. As ficções representadas aos olhos do publico são dramas muito mais frios e deseorados, são comedias muito mais insulas do que os episodios que a existencia do artista origina, e que, fóra do palco, mistura d'essa agradavel mescla de verdade e illusão, que faz com que as mulheres que uma noite vimos representar de syrene, de fada ou ondina, nos appareçam sempre constelladas de uma auréola de prestigio, como se fossem um ser excepcional, que só participasse da natureza terrena para nos provocar com todas as seducções da belleza e da mocidade.

E quantas vezes atraz d'esta exaltação vertiginosa, em que estas mulheres jogam com o grande partido de todos os poderes subjugadores do seu prestigio, e o homem joga sómente com o seu

coração e com a sua credulidade, quando a experiencia e o desengano lhe não teem embotado os affectos, quantas vezes taes episodios começados na ebriedade dos sentidos, se não convertem em acerbos transes da nossa vida intima, transes cujas recordações, como uma ferida mal cicatrizada e que qualquer excesso abre de novo, fazendo-a gotejar, nos veem pungir ainda passados annos!

Quantas vezes não acontece isto!

A historia que lhes vamos contar é talvez um d'estes exemplos. Não serão triviaes na vida; mas nem por isso deixam de ser menos verdadeiros.

Estamos no tempo em que o Marrare tomára a empresa de S. Carlos. Por essa época veiu a Portugal uma cantora chamada Judith Favini, que era uma creatura de desoito a vinte annos, de um rosto moreno e suavemente melancolico, de olhos pardos, pensativos e penetrantes, e cuja bocca fina e breve, nariz pequeno e ligeiramente aquilino davam um toque de indizível graciosidade e intelligencia a esta physionomia, que, para de todo nos apparecer poetisada, estava como envolvida n'um denso e comprido véu de cabellos castanho-escuros, os quaes lhe caíam em formoso desalinho no collo e hombros. Era principalmente a estes bastos e lindos cabellos que a sympathica rapariga devia os gabos de quasi todos os homens e as invejas de mais de uma senhora. N'uma palavra, Judith Favini não era uma rapariga formosa, mas era mais do que isto, porque era interessante, qualidade que está por definir, mas que os olhos comprehendem de accôrdo com o coração.

A este condão de sympathia, Judith Favini ajuntava uma agradável voz de *mezzo-suprano*; porém não sabia cantar. O publico, comtudo, relevava-lhe esta falta, e quando ella fazia uma escala mal feita ou estropeava um trecho de boa musica, ria-se e palmeava-a, como se fosse a Sicari ou a Pietrali, que houvessem triumphado das maiores difficuldades da vocalisação.

O publico tem d'estes caprichos. Quando sympathisa com uma creatura, até dispensa que as cantoras se mostrem cantoras, e applaude-as por isso.

Dava-se uma noite em S. Carlos a opera de Marcos Portugal, *Ouro não compra amor*. N'esta opera cantava Judith Favini uma aria linda, cujos motivos se haviam tornado o thema da melomania popular. Favini, já se vê, cantava esta aria como cantava tudo; faltava ao compasso; fazia das *vocalises* uma especie de gar-

garejo; não lhe importava com a orchestra; mas não desafinava e dava sôltas aos seus bellos recursos de voz, que era de uma vibração tocante, melodiosa e apaixonada. Depois d'isto, o rosto da joven cantora, como já dissémos, reunia os attractivos irresistiveis da sympathia, que são o segredo de algumas organizações privilegiadas. O publico não resistia; o publico dava bravos e batia as mãos. E o que é de mais extraordinario é que applaudia exactamente nos trechos em que Judith Favini se enganava. A pobre rapariga impacientava-se; voltava-se para a orchestra e batia-lhe o compasso com a cabeça e com o pé, como se a culpa fosse dos musicos, e a platéa ria mais e applaudia com mais calor.

N'esta aria do *Ouro não compra amor* era onde ella fazia todas estas tropelias com mais frequencia e gracioso desleixo, o que equivale a dizer que era n'esta aria que ella conseguia mais estrondosas ovações.

Uma noite, como iamoz dizêndo, cantava ella, mas antes de começar o espectáculo, conforme o uso dós artistas, deu-lhe para vir ao proscenio espreitar para a platéa, por detraz do panno-de-bocca.

Correu os olhos pela sala, e, seja dito em abono do coração isento da interessante italiana, ella não espreitava por que quizesse vêr o amante, nem mesmo algum dos muitos dilettantes apaixonados a quem ella ouvia e sorria habitualmente sem alimentar outras esperanças que não fossem o tornal-os a ouvir no dia seguinte com o mesmissimo agrado, mas tambem com a mesma leviana isenção.

O que a obrigava a espreitar era mera curiosidade.

D'esta vez, porém, a cantora demorou-se mais a olhar para a segunda frisa de bocca do lado esquerdo. N'essa frisa estava sentado um mancebo inglez, que não teria mais de dezoito annos, immovel e empertigado como todos os inglezes, quando se dispõem a ouvir musica. Favini continuava a olhal-o e tinha razão, porque nunca olhos de mais puro azul-celeste, se volverem com tão indizivel doçura n'um rosto, cuja encarnação, alva e rubida ao mesmo tempo, parecia realisar a mais feliz combinação de leite e rosas. Em volta d'este rosto, n'um desalinho gracioso e quasi que poetico, caiam em madeixas encaracolladas compridos cabellos louros, em que as luzes reflectiam como se fossem sobre fios de oiro.

O traje do mancebo inculcava que elle pertencia á mais alta gerarchia da sociedade britannica. Vestia com luxo e com o maior gosto que pôde vestir um inglez.

A cantora parecia-lhe vêr uma cabeça de anjo n'um corpo de homem.

Ficou fóra de si.

Nunca tinha sentido a commoção singular que a obrigava a olhar para o inglez sem desfitar d'elle.

Por um movimento irrisistivel, lançou a cabeça fóra do panno. O acaso quiz que n'este mesmo momento o mancebo estivesse a olhar para aquelle lado, embevecido na contemplação do grupo mythologico que estava pintado no panno de bocca.

Os olhos da cantora encontraram-se com os d'elle. Um movimento de surpresa alterou a immobilidade britannica do joven dilettante. Favini viu n'isto um bom agoiro. Tinha indubitavelmente causado sensação no formoso lord.

As primeiras arcadas da symphonia vieram arrancar-lhe a d'este embevecimento; mas foi só quando o contra-regra a advertiu de que o panno ía acima, que ella deixou o seu posto.

Depois correu para o camarim a esperar com anciedade que chegasse o instante de apparecer em scena.

Passaram as primeiras scenas de introduccção; e a ella parecia-lhe impossivel que não tivesse chegado ainda a sua hora de *sortitta*. A pelle assetinada, e os cabellos de oiro annellados do inglez, não lhe saíam da imaginação. Tinha-se apenas cantado um côro, e já lhe parecia que haviam cantado a opera toda sem ella.

Porfim chegou a occasião da sua aria. Appareceu; mas vinha tremula e vacillante, e o seu rosto, naturalmente tinto de uma suave e transparente pallidez, estava affogueado, como se a febre chammejasse por aquellas faces, rarissimas vezes risonhas.

Approximou-se da bôca da scena e começou a cantar. Se das outras vezes os compassos quaternarios eram convertidos em ternarios, e o valor das colxeas e fuzas despresado ou invertido, d'esta vez ainda maior foi a desconsideração em que foram tidas todas as leis da musica. Com os olhos fitos no mancebo inglez, que, pelo seu lado, também não despregava a vista d'ella, parecia que o *spartitto* estava escripto no rosto do joven lord, porque só n'elle via e ouvia. O chefe da orchestra batia com o arco da rabeça, o *suggestore* esgalgava a cabeça fóra do buraco do ponto a gritar-lhe a phrase poetica, mas tudo era baldado, porque Judith Favini continuava enleada na contemplação do desconhecido.

Os inglezes pagam bisarramente aos cantores, mas não são excessivamente intelligentes em musica; por isto ao moço inglez pareceu-lhe ouvir uma syrene, sensação, que, junta á impressão que lhe causára a formosa italiana, contribuiu para o reduzir quasi ao mesmo estado d'ella.

Este mancebo chamava-se William Duglas, e era filho segundo

de uma das primeiras casas de Londres. Estudava na universidade de Oxford; sobrevindo-lhe, porém, um ataque de *spleen*, o que n'outro qualquer povo é o equivalente do primeiro gráo de phtysica, fôra mandado interromper os estudos e viajar. O moço lord era formoso, mas nunca havia pensado n'isso. A gravidade dos estudos a que ultimamente se dava das linguas sabias, desviava-lhe a attenção d'essas vaidades dos espiritos vãos. Além de que, William Duglas era de uma seriedade tão irreprehensivel de character, que tomaria até por ataque directo ás leis do pudor masculino o interter-se com essas frivolidades que só podem lisongear os homens de tempera affeminada. Noentanto, a insistencia com que a cantora olhava para elle, e a surpresa que parecêra sentir quando o avistou, fizeram-no pensar, e vieram levantar-lhe a especie de véu, atraz do qual a sua modestia e seriedade tinham até então deixado occultar tudo.

—Compreendo! —disse elle consigo, com a ingenuidade de um seminarista —compreendo. Parece-me que produzi um effeito estranho n'esta prima-donna, porque ella está a olhar para mim como se eu fosse um objecto curioso.

A aria acabou; e o panno foi abaixo; e Favini, ao recolher aos bastidores, lançou ainda ao inglez um longo olhar, como se fosse a comunicação telegraphica de um *rendez-vous*.

Qualquer homem esperto n'esta espee de cousas talvez não comprehendesse bem verdadeira a significação d'este olhar, mas, em sua natureza primitiva, William Duglas interpretou-o ingenuamente em seu favor.

—É preciso que eu falle á prima-donna —disse elle. —Aquelle olhar foi um convite.

E sahiu logo da platéa e pediu para entrar na caixa, afim de fallar á cantora.

Um inglez é sempre o primeiro homem em cousas de theatro de canto. Póde exigir o que quizer, e fazer o que intender, que se lhe permite tudo, concluido com a palavra—*E' um inglez*. É por isso que elles batem com os pés na platéa, quando os outros applaudem, e os deixam bater: é por isso que elles ficam de bonés na cabeça, quando o panno já está em cima, e os deixam ficar: é por isso emfim que elles invadem as portas da caixa e se agrupam á entrada dos camarins dos cantores, como se observassem em frente das jaulas de uma *menagerie*, e os deixam invadir, agrupar e observar.

Assim, unicamente com o privilegio da sua naturalidade, William Duglas entrou na caixa, atravessou o palco, e foi até ao camarim de Judith Favini.

A cantora estava só n'esta occasião. Dir-se-hia que já o esperava. O inglez entrou, e cumprimentou com um leve acêno de cabeça. Depois sentou-se sem dizer palavra, e concentrou-se na sua immobibilidade inalteravel.

A joven italiana sentiu um grande contentamento, mas tambem um grande receio, quando o viu.

Esta estrevista foi grave, reservada e quasi muda. Judith Favini não sabia o inglez, e William Duglas só era pratico nas linguas sabias. D'esta sorte, a scena compoz-se de alguns olhares significativos e de varios monosyllabos acentuados com paixão. No emtanto, o que podemos affirmar é que Willian Duglas entrou no camarim da cantora animado unicamente de uma curiosidade, e sahiu de lá dominado de outro sentimento mui diverso. O inglez não estava ainda apaixonado, mas corria já á desfillada para esse terrivel precipicio das almas... britannicas.

D'estes principios é facil de prevér qual seria o desenvolvimento.

Tudo foi correndo ingenuo, grave... e casto, fiel imagem dos personagens que o compunham. Judith Favini e William Duglas, sem o quererem nem saberem, teceram um novo episodio que, sem esforço, poderia ser annexado aos amores dos louros heroes de Lafontaine.

Ca fóra no mundo profano acredita-se que tudo corre ás mil maravilhas em assumpto de amores, dentro de um palco.

Enganam-se. Ha virtude em toda a parte. *Où la vertu vat-elle se nicher!* dirá algum moralista difficil de acreditar n'estas excen-tricidades. É verdade; o logar é perigoso. Nada mais escabroso de provar do que a castidade da sylphide, cujos encantos os roube apenas á vista, mais como negaça provocadora, que como postura do pudor, as raras dobras do enfunado saiote de gaze. Mas é exactamente d'estas provações que são o verdadeiro triumpho. Dentro dos muro de um mosteiro, a sós com Deus e com as recordações dos nossos deveres, não custa a ser virtuoso; parece até que não ha tempo nem modo de ser outra cousa; mas no theatro, onde tudo é mentira, desde o algodão embusteiro que arredonda as fórmas éticas dos corpos rachiticos, até aos affectos que as rubricas do libreto modificam, é quasi impossivel lutar a virtude contra todas as ciladas que o Satanaz dos sentidos lhe está armando de continuo.

No emtanto, ha excepções; e esta historia que estamos contando resume uma d'ellas. E senão lêam o dialogo que se segue, que teve logar entre os dois amantes, dois ou tres dias logo depois da sua primeira entrevista, e vejam se não presentiu, debaixo de uma fórma mais moderna, o colloquio sentimental como

elle se deveria passar nos tempos priscos dos affectos patriarchaes.

A joven cantora e o moço inglez estavam sentados ambos n'um canapé estofado, ou sophá, como se diria hoje, e proferiam cousas ternas, mas castas.

Uma ligeira expressão de melancholia respirava nas palavras da italiana, e este sentimento parecia derivar das incertezas com que se lhe apresentava o futuro, pois era talvez a primeira occasião em que esta boa rapariga se atrevia a pensar seriamente.

— Sim, não duvido — dizia ella ao mancebo inglez — talvez tenhas razão. De certo que devo sair do theatro, se casares comigo. Mas depois do nosso casamento, o que havemos de fazer?

— O que havemos de fazer?... amar-nos.

— Com certeza; mas não basta. Em Inglaterra, sobretudo, onde tudo é caro, custar-nos-hia a viver com essa moeda tão simples. Tu és filho segundo, o que é dizer que contas só com uma pequena mesada; e eu não tenho outro patrimonio senão a minha voz. Tu não tens outras rendas, meu caro Duglas?

— Tenho.... posso dar lições de sanscrito.

— A quem?

— A quem o quizer apprender.

— Mas quem pensa no teu sanscrito? E depois, eu duvido até de que tu o saibas.

— Mas apprendo-o.

— Ora deixa-te d'isso. Teu pae é um lord, não é muito rico, e tem doze filhos. Por sua morte que esperas herdar?

— Eu sei!.. Talvez nada.

— É bem pouco.

— É verdade; mas o nosso amor?

— O nosso amor tem a incivilidade de não se encarregar das dividas que nós contrahirmos.

— O amor fórma a existencia, minha cara Favini.

— Mas é o dinheiro que a nutre, meu querido Duglas.

— Favini, não ha muitos dias que eu li um livro, cujo titulo era: — *Uma cabana e um coração*.

— Não duvido, mas é necessario um palacio junto da cabana, e um dote junto do coração. A cabana e o coração ainda eu poderei arranjar-te, mas quem nos arranjará o palacio e o dote?

— Não sei.

— Tambem eu não.

— E então o que havemos de fazer?

— Esperar.

— É um verbo bem longo. No sanscrito parece-me que não ha esse verbo.

— Mas ha-o na minha lingua e na tua.

— Então não queres casar comigo.

— Quero; mas quero primeiro que tudo não morrer de miseria.

— E como _havemos_ de arranjar isso?

— D'uma maneira muito simples: dentro em quatro estações theatraes. Até hoje tenho dado todos os meus ganhos a meu pae; d'aqui em diante não será assim: dar-lhe-hei unicamente uma parte, e guardarei o resto. Estas economias, fazendo eu bons theatros e alguma fortuna, conseguirão tudo. Entendes agora?

— Mas antes de chegar o fim d'esse tempo morro eu; morrei de ciumes, de paixão e desespero. Todas as vezes que tu appareces em scena, e o publico te applaude, sinto eu arrepios, como se estivessem a coar-me gêlo pelas veias.

— N'esse caso, não sei o que te faça.

— Cazarmos e partirmos para a Escossia.

— Com que dinheiro?

— Se tanto fôr preciso, servirei como grumete a bordo para pagar a minha passagem.

— E a minha?

— Vendem-se as tuas joias.

— São falsas.

— São falsas?!..

— Meu Deus, tu obrigas-me a dizer couzas que humilham.

— O quê?.. humilha-te por ventura ter joias falsas?

— Humilha, sim. Tu não conheces as mulheres.

— Mas não te humilha antes estar exposta todas as noutes a ser pateada?

— O publico applaudê-me sempre.

— O publico é versatil como uma creança.

— Mas em quanto não chega essa versatilidade a meu respeito, vou aproveitando.

— E quando chegar e fores pateada?

— N'esse dia caso contigo.

— Mas então já eu não quero, porque serei eu tambem o pateado na mulher que amo.

— Consolar-nos-hemos das nossas desgraças.

— É melhor evitar esse genero de consolação, e casarmo-nos antes

— Pois casemos.

— Oh! minha querida Favini! E quando será essa felicidade?

— D'aqui a oito dias.

— Fallas serio?

— Uma actriz falla sempre serio fóra do theatro.

— Então está decidido. Sou emfim venturoso.

E esta phrase concluida, William Duglas cahiu aos pés da formosa prima-donna.

No dia seguinte, o mancebo escreveu a seu pae, que lhe mandasse cem libras para gastos do casamento, e o pae respondeu no correio seguinte, remetendo-lhe a sua santa benção, que era do que podia dispor mais facilmente n'aquella occasião, sem desfalque dos outros irmãos.

— Pois a providencia me ajudará — disse o mancebo, resignando-se.

N'essa mesma semana, Favini ao entrar em casa, depois de um ensaio dos *Innamorati rivali*, musica do maestro Campanella, encontrou sobre o seu toucador uma linda boceta de ébano, com guarnições de ouro engastadas.

Abriu-a, e viu um collar de brilhantes de mui subido valor.

Chamou no mesmo instante Fortunata, criada do quarto, e perguntou-lhe quem tinha deixado aquelles objectos alli.

— Foi um fidalgo que ahí veiu, o qual perguntou pela senhora, e me disse: «Dé essa ninharia a mademoiselle Judith Favini.»

— E não te disse como se chamava?

— Não disse mais nada.

— Muito bem. Retira-te.

Judith Favini estava pouco habituada a receber presentes: a sua estranheza, por conseguinte, não podia deixar de ser grande. Poz-se a examinar aquelle mimo anonymo, que, segundo os seus calculos, não valeria menos de um conto de réis, e que lhe deu uma idéa gigante da fortuna do desconhecido.

Em que pelago de reflexões se não abysmou depois aquella imaginação!

Os brilhantes, as sedas e as rendas teem um poder indefinivel na organização da mulher.

E porque será?

Não me parece que seja preciso muito tempo para achar a explicação. É inquestionavel que em certos entes a superfluidade occupa o logar do necessario. Tira e estas deusas do theatro os blonds, os perfumes, as joias, os velludos e as flores, e veis o que fica: fica a mulher.

Fica bem pouca cousa.

A mulher não basta só. O necessario é a prosa da vida, o superfluo o seu ideal. Eva tinha a immortalidade da juventude e a formosura do typo primitivo da raça humana. Possuia o necessario, mas carecia do superfluo. No comêço do mundo o su-

perfluo consistia n'uma maçã rubicunda e appetitosa, que pendia de uma arvore no centro do Eden. A cubiça tentou a nossa primeira mãe. Eva perdeu a immortalidade e experimentou as provações da fragilidade da materia, o que quer dizer que perdeu o necessario e colheu o superfluo.

É esta a explicação do superfluo ser o essencial nas mulheres. Os adereços de brilhantes, os vestidos de moiré, os schals de cachemira são o terrivel pommo da arvore do Paraiso, que de continuo lhe estão aguçando o appetite, que as fazem esquecer as tradições da sua pureza primitiva e as arremessam a todas as tentações que a moda, essa serpente do fallaz Eden de nossos dias, lhe põe diante dos olhos e dos sentidos.

Depois d'esta these assim profundamente desenvolvida, não será indispensavel ajuntar aqui, que a primeira vez que William Douglas tornou a avistar Judith Favini, a encontrou fria e distraida.

—Estás doente, minha Judith?—perguntou o mancebo, estranhando a recepção.

—Alguma cousa.

Ora é preciso que se diga, para honra do caracter feminino, que as *migraines* ainda não tinham sido inventadas n'este tempo, e por isso o bom do inglez teve de attribuir a outra causa mais sincera a indisposição da sua amada.

Depois de William Douglas sair, a italiana recebeu outra visita. D'esta vez era a dona de um hotel, ou hospedaria, como n'aquelle tempo ainda se dizia, a qual, convidada pela cantora, sentou-se defronte d'ella, e, depois de haver formulado algumas palavras de um exordio nubeloso, pronunciou estas outras palavras mais positivas e claras:

—Sou a dona de uma hospedaria no Caes do Sodrê, a melhor de Lisboa, porque ahi concorrem os estrangeiros mais ricos. Ha quatro dias tomou um quarto na minha hospedaria um mancebo brasileiro que havia chegado na vespera do Pará. N'essa mesma noite foi a S. Carlos, ouvio-a cantar e ficou louco por M.^{elle} Favini. Tem vinte e tres annos, possui uma fortuna de tres milhões, e uma timidez que nem que fóra uma donzella. Ficou morrendo por M.^{elle} Favini, mais deixar-se-ha morrer antes que se atreva a declarar-lh'o. Offereci-me para lhe fazer este serviço. Os seus intentos são puros, como um primeiro amor. Nem eu era capaz de ser a medianeira de outros desejos menos honestos. Estes desejos, e sobretudo a sua fortuna foram-lhe já de certo revellados por uma modesta offerta de diamantes comprados no ourives Nascimento. Foi como um mimo de nupcias,

porque este bello moço só quer casar com M.^{elle} Favini. Aqui está a relação dos seus bens, extraída dos livros do seu tabellião, o que M.^{elle} pôde verificar:—Tres roças com sete engenhos. Mil e seiscentos escravos, tudo cabindas e iroquezes, ao norte do Pará. Uma linda vivenda em Pernambuco, com jardim, mirante e lagos, onde se pôde pescar, avaliada em 40 contos. Cinco navios nos mares de Africa, especialmente encarregados do transporte dos escravos. Duzentos contos em acções da Companhia das Indias, das docks de Londres e fiação de Manchester. Uma floresta de sessenta milhas de extensão nos sertões do Paraguay. Eis em poucas palavras, disse a dona da hospedaria, a fortuna do moço brasileiro, que ajunta a isto tudo um genio docil, um coração de pomba, uma saude de ferro, e todos os desejos de a tornar feliz.

Ao ouvir tudo isto, o cerebro da italiana turbilhonava como se fosse o redemoinho levantado por um tufão. Os olhos tinham-se-lhe esgaseado e o lábio inferior estava pendido. O pasmo havia-lhe traduzido no rosto todos os efeitos. Ella não podia duvidar do que se lhe dissera, porque as notas do tabellião eram a garantia d'esta verdade. Pareceu-lhe estar lendo as *Mil e uma noites*: a historia da *Alampada maravilhosa* realisava-se com ella.

Judith Favini pediu alguns dias para meditar.

—É impossivel,—exclamou a dona da hospedaria.—Se antes d'esta noite não se resolve, o moço brasileiro parte para Inglaterra, onde vae receber varios dividendos atrasados dos bancos de Londres, na importancia de oitenta mil libras. É de suppôr que lá consiga esquecel-a, porque não é curial que elle se deixe morrer de paixão possuindo tanta riqueza, saude e mocidade. Os brasileiros ricos são umas creaturas especiaes: não gostam de esperar: estão acostumados a desejar e a obter. N'este mesmo momento está elle, com dois compatriotas, em casa do seu tabellião, á minha espera e de M.^{elle}, para fazer reduzir a escriptura todas as formulas do contracto. Á porta da rua ficou uma caruagem. É decidir, M.^{elle}.

Satanaz nunca imaginou tentações mais irresistiveis para seduzir uma pobre filha de Eva. Um turbilhão de sonhos dourados relampejou diante dos olhos da cantora deslumbrada. D'esta vez não se tratava de projectos de simpleza arcadica lançados sobre o futuro, tratava-se de apanhar uma California inteira sobre o bufete de um tabellião.

Satanaz triumphou.

Duas horas depois tudo estava concluido.

Noentretanto, William Duglas tinha subido e descido a escada

da cantora vinte vezes. Mas a porta conservou-se sempre muda á bordoadá que elle desabára sobre ella.

A sua impaciencia já ía tocando em delirio.

Nas esquinas da capital, um contra-annuncio aos cartazes declarava tambem, que por incommodo de saude da prima-donna Judith Favini seria mudado o espectáculo.

—É verdade que está doente, M.^{elle} Favini?—perguntou o pobre inglez ao porteiro da caixa.

—Não;—respondeu este com desabrimento.

William Duglas corria como um doudo pelas ruas da baixa. Nos accessos do seu exaspêro lembrou-lhe suicidar-se. Mas este pensamento era uma trivialidade na cabeça de um inglez. Rejeitou-o por isso. O seu amor pedia desforra mais original.

Finalmente, ao cabo de dois dias de eclipse total da sua amada, uma tarde estava elle sentado no Caes da Pedra, namorando as aguas do Tejo, como abrigo onde elle poderia esconder para sempre os seus segredos e os seus martyrios, quando de repente foi interrompido nas suas cogitações suicidas, que de todo o não tinha abandonado, por um tropel de criados e moços de frete, que transportavam bahús e malas para o caes. Logo pouco depois appareceu uma carroagem, donde sahiram um homem quasi mulato, e uma senhora moça riquissimamente vestida.

William Duglas olhou para os dois, e pareceu-lhe reconhecer a senhora. Aquelles modos, aquelles gestos, aquelles passos.... Mas é impossivel! exclamou comsigo o inglez. Comtudo sempre quiz certificar-se. Pegou do seu binoclio de theatro, telescopio que não deixava jámais o vasto bolso do seu *water-proof*, e fitou-o no par.

O binoclio cahiu das mãos ao desventurado moço, e as pernas, tremulas, atirariam com elle ao chão, se os assentos de pedra da cortina do caes o não apoiassem.

Era Judith Favini.

Em quanto se passava esta scena de consternação, a cantora italiana e o seu novo companheiro haviam entrado n'um barco, e os criados tratavam de embarcar n'outro maior a numerosa bagagem.

William Duglas, tornando a si do primeiro abalo, correu como um gamo as escadas do caes, mas o barco, impellido pelos remos manobrados por dois nervudos catraeiros, resvalava rapido pelas aguas fóra, já a distancia.

O pobre moço ainda ergueu o punho á beira do caes, como se tivesse um punhal na mão e pudesse descarregar o golpe vingativo sobre a ingrata. Mas a humidade que sentiu nos pés obri-

gou-o a perceber que com o impeto com que tinha corrido, havia descido tambem os degráos que a maré já cobria com as ondas.

Este banho aos pés fez-lhe bem.

As plantas resequidas por uma temperatura inflammada nunca é indifferente uma boa réga.

Ao mancebo inglez acconteceu o mesmo. O refrigerio entrou-lhe na alma com a agua no corpo.

Passada a primeira impressáo, tirou o lenço da algibeira, limpou as calças com a gravidade que o seu caracter nacional já-mais desmente, depois olhou ainda para o largo, onde desapparecia já de todo o barco traíçoero, fez ainda um arremêço de nobre e desdinhosa altivez, e voltou a casa.

D'ahi a tres dias tinha saído no paquete para Londres.

JOSÉ MARIA D'ANDRADE FERREIRA.

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

Era o padre José Fernandes um professor á Tolentino, com a differença de quê para elle o latim era o mundo inteiro, ao mesmo tempo industria e distracção, enxada bruta e enlevo espirital. Era um d'estes typos d'erudito, que vão escaceando em nossos dias; um d'estes sobrios litteratos, cujo estreito horisonte expira na ultima pagina de um auctor de predilecção. Horacio era quasi toda a sua sciencia. E apostamos que havia mais contadas as folhas do seu poeta favorito do que as rubricas do missal romano, ou os dias *duplex* e *semi-duplex* do breviario, em que resava. Posto que o não favorecesse um talento privilegiado, a sua musa, nos passeios ideaes a Tibur, aprendera a imitar as odes horacianas. As odes de José Fernandes, reflexos de uma poesia vigorosa e original, não deshonoravam o ingenho de seu auctor.

Era natural da aldéa do Couce, e a avaliarmos por este nome, era a terrá prosaica de mais para que o berço do padre José Fernandes fosse emballado pelas Camenas, excepto se pela rasão de analogia, o Pégaso andára retouçando por aquellas beiroas regiões.

Não havia em Coimbra n'aquelle tempo um homem tão original como o morador de Sobripas.

No mesmo quarto, onde a affectuosa Maria Telles, descendo sobresaltada do seu leito, havia sido apunhalada pelo esposo, tinha o padre José Fernandes instituido a sua modesta aposentadoria. Sobre o pavimento, transudando memórias sanguinolentas e ex-

halando o perfume sinistro da tragedia, erguia-se prosaicamente o catre escolastico, onde somnos epicureos, dormidos de um só trago e sonhos eburneos da madrugada, tinham habituado o padre a ser no aspecto jubiloso a mais irrespondivel ironia ao cothurno e ao punhal.

Se o padre José Fernandes era todo elle uma ode de Horacio, regrada e correcta, como as sabia limar o vate romano, o velho aposento de Maria Telles, era, sob o seu presente locatario, uma verdadeira ode pindarica, pela desordem da sua contextura e pela absoluta ausencia de transições. Já hoje se observam rarissimos exemplos d'este penetraes da litteratura, onde o cahos parece estar circundando o escriptor ao desentranhar da phantasia as suas mais ordenadas e harmoniosas creações. Vae-se afrouxando este laço, que estreitava a vocação litteraria e o desalinho dos poetas. Os cultores das musas, accrescentaram em nossos dias ás cathogorias fundamentaes da esthetica transcendente, ao *bello*, e ao *sublime*, uma entidade mais mundana, que com um anglicismo, hoje quasi naturalizado, dizemos modernamente o *confortavel*, assim como os estoicos da republica expirante e da nascente monarchia dos Cesares, discreteavam abnegação em triclinios marchetados, e possuiam, como Séneca, palacios sumptuosos, como Cicero, deliciosas *villas* e diversorios monumentaes. Bufetes de talha artificiosa, contadores da India, estantes, que são miniaturas de cathedraes, esculpturadas em pau santo, fogões mais ou menos sumptuosos, reposteiros, graciosas *corbeilles* pendentes do apanhado das cortinas, alcatifas preciosas, bustos, paineis, espelhos e candelabros, exornam mesmo em Portugal o sacrario dos mais somenos escriptores. Apollo, que tantas vezes adormeceu feliz nos estabulos de Adméto, trocaria hoje o seu pobre Parnasso, aberto a todos os ventos e propicio ás mais pertinazes catharraes, pelo gabinete apenas esteirado do mais obscuro folhetinista dos nossos dias. O *confortavel* invadio as mais humildes habitações. Calafetou as fendas por onde o ar exemplificava de inverno uma extensa nosographia. Accendeu a cépa nas chaminés artisticamente trabalhadas. Temperou a luz meridiana com a verdura artificial dos transparentes nas janellas. Sophismou a duresa das poltronas com os estofos economicos e democratizando o luxo e parodiando muitas vezes a opulencia, tirou ao lar domestico o character de uma verdadeira penitenciaria.

Mas o padre José Fernandes nem conhecia a palavra *confortavel*, nem presentia ao menos que podesse haver uma idéa, que precisasse d'este nome.

A alcova servia ao mesmo tempo de salão, de gabinete de tra-

balho, e os emblemas e attributos d'estas encontradas entidades confundiam-se na modesta vivenda do feliz horaciano. Aqui sobre uma arca chapeada um calção de meia em amigavel intimidade com um Horacio de algibeira, no chão ao pé do leito uma bota divorciada, e entre ella e a consocia mediando uma óde, que esperava para os ultimos primores a hora da inspiração. Os magros honorarios do professor mostravam sobre uma banca de primitiva constructura os seus ultimos tostões d'envolta com os despojos opimos de uma renhida batalha gastronomica, porque o padre José Fernandes não esquecia no Parnasso horaciano as horas da sua copiosa, mas singela refeição.

Tinha o padre José Fernandes, na falta absoluta de domésticos, inventado um systema admiravel de provêr ao alinho e nitidez do seu anarehico cenobio. Em dias de ventania, as janellas espaçosas, deixavam livre entrada ao ar dos campos. Éolo supria gratuitamente os officios mercenarios da classica *servente*. Aquelle oceano de livros dispersos, de papeis soltos, e de utensilios antinomicos, era arrojado pelo vento até á porta do dormitorio. Ali o padre José Fernandes, como um archeiro de sentinella, armado de sua vassoura previdente, sustava na *avalanche* os objectos, que ainda queria aproveitar, uma óde, uma folha perdida de um poeta, um fugitivo lenço de assoar.

A sua excentricidade encantava os que a viam a cada passo comprovada com chistosos lances e engraçadas anedoctas. Não era excentricidade calculada e sombria de um inglez, assoberbado pelo *spleen*. Era a excentricidade de um homem infantil, ameno, candido, e descuidado dos amargores da vida e aspirando n'um facil e quasi innocente epicureismo tudo o que o mundo póde offerecer de honesta deleitação. Era frequente e mavioso tocador de flauta. Aprasiam-lhe os passeios nocturnos *per amica silentia luna* áquelles sitios deliciosos, que circundam a cidade universitaria, a Santa Clara, á quinta *das Lagrymas*, á romantica *Fonte dos amores*. Ás vezes pela calada da noite, quando as aguas do Mondego se espelhavam com as lantejoulas prateadas do luar, ouviam-se ao longe as notas suavemente melancolicas de uma flauta. Era o padre José Fernandes, que cavalgava quietamente na jumenta, socia de suas innocentes aventuras, buscando algum sitio campesino onde soltar as redeas á sua festiva imaginação. Para allumiar os passos pelo escuro da noute, levava pendente de uma bota uma lanterna, que no seu frouxo bruxear, dava ao jovial horaciano o aspecto de uma apparição extravagante.

Contavam-se infinitas anedoctas da sua ingenuida de e distracção habitual.

Depois de haver cursado canones sonhára um dia o bom do padre José Fernandês, as glorias da borla doutoral. Tinha na patria aldêa de Couce, uns olivae e umas courellás, que lhe haviam cabido em patrimonio. Foi á terra e vendeu a pequena herança. Volvendo a Coimbra, preparara-se para receber o capello apetecido. Com a sua costumada negligencia, esqueceu-se de recalar o seu thesouro no aposento, mal policiado e defendido. Ladrão domestico lhe cubiçou o peculio, que o padre José Fernandes infructuosamente buscou por muitos dias. Resignou-se facilmente com este lance inopinado. A borla fugia-lhe para sempre porque não havia novas herdades que vender. Passaram-se annos. Uma vez estava o padre ouvindo mui devotamente a sua missa no convento da Estrella. Um homem desconhecido o vem interromper nos seus exercicios de piedade. Insta-o para que lhe ouça uma palavra. Accode o padre e escuta-o curioso. O estranho acabava de chegar-se ao tribunal da penitencia e o confessor lhe impozera com absolvição o dever de impetrar o perdão por um furto que havia annos commettera. O padre José Fernandes tinha junto a si, a implorar-lhe o perdão, o homem que lhe furtára o dinheiro, destinado aos gastos do capello. O bom do padre surri infantilmente e estranha a commoção do constricto peccador. Homem, replica José Fernandes, depois de o contemplar com a sua costumada benevolencia, o dinheiro que vossa mercê me furtou ha annos era toda a minha fazenda, com elle intentava comprar uma vaidade. Tenho vivido feliz sem as insignias de doutor, morrerei feliz sem ellas. Não tornemos a falar em semelhante bagatella e va-se vossa mercê na paz do senhor, que o mal que lhe desejo a mim me venha. E ergueu-se com a consciencia limpa, tão alegre e radiante, como se houvera recebido ali com juro compostos o furto, que tão christãmente acabára de amnistiar.

A visinhança de tão festiva creatura deu a Castilho occasião para enlaçar mais estreitamente as suas relações com um homem que tão ardentemente cultivava as musas romanas. A horas mortas da noite quando Castilho já repousava, vinha muitas vezes o padre José Fernandes bater-lhe soffregamente á porta do aposento. Accordava Castilho em sobresaltos. Perguntava quem era. Instava o padre por que lhe abrisse. Entrava o excentrico José Fernandes, tripudiante, jubiloso, accesos na fronte os raios de uma nocturna inspiração. Vinha mostrar-lhe uma ode que fizera, e declamar na sua voz rouca as strophes escriptas na vigilia.

Na casa de Almedina volveram felicissimos tempos para Castilho. Do alto mirante, que dominava a habitação, esparzia-se

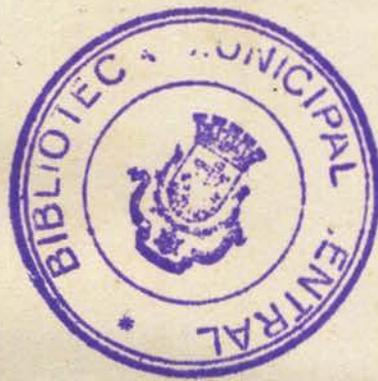
a vista pelas virentes de Coimbra. As amenas paisagens da campina, o curso do Mondego, as hortas aprazíveis encantavam docemente a alma ao que nas scenas da natureza se comprazia. Ha nas organizações sensíveis uma funcção previligada, que falta nas indoles vulgares. Assim como é uma condição da vida o respirar physicamente, assim ha tambem para as delicadas sensibilidades uma como que respiração espiritual. A natureza é-lhes complemento indispensavel, nutrição mysteriosa e intellectual lhes ministra nos seus aspectos, nos seus esplendores, nos seus aromas, nas suas vagas harmonias. O campo que é um costume aristocratico para os cultores da moda, uma officina industrial para os agricolas, um nada para os occiosos, é para altos entendimentos um manancial de indivisíveis deleitações. A buccolica infantil do Lumiar achou mais largos dominios nos valles floridos e nas arrelvadas cercanias de Coimbra.

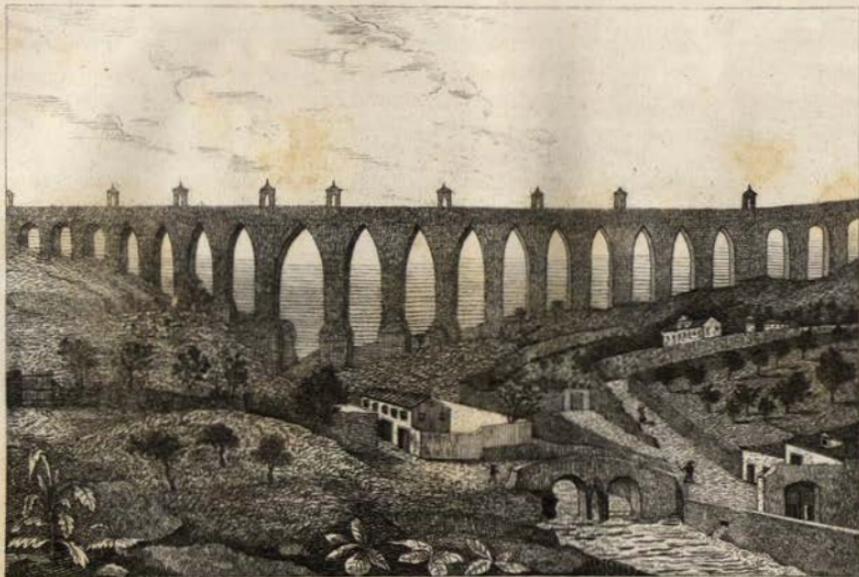
Quantas vezes o poeta furtando aos geraes da universidade algumas horas matutinas da primavera, com seu irmão Augusto, socio dilecto dos seus devaneios, do seu poetar, das suas mais gratas illusões, das suas affeições mais queridas, se fa a buscar nas varzeas algum recosto bem ensombrado pelas arvores, bem tapizado de verdura, e ali, esquecendo o rigido Van Espen, se deliciavam ambos com a leitura do numeroso Ovidio! Quantas vezes em festivas romarias ia Castilho, com os mais intimos convivas dos seus prazeres spirituaes, discorrendo os campos, admirando as suas formosuras, respondendo á poesia da natureza com a poesia da sua alma, quantas sentado á pópa n'um barquinho ligeiro, se deixava embalar sem norte e sem destino pela veia perguiçosa do Mondego passando aqui sob a arcada espessa dos salgueiros, ali surgindo n'alguma aprazível angrasinha enramada de arbustos, acolá saltando na areia limpida para furtar-se na espessura dos censeiraes aos ardores do sol a prumo!!

D'estes ocios encantados, que o poeta sagrára á natureza, foi o fructo mais mimoso o poemeto da Primavera.

(Continúa).

J. M. LATINO COELHO.





Segovia gran aigua fons

Segovia gran aigua fons

Este atravessa o valle da ribeira de Alcantara sobre trinta e cinco arcos, dos quaes quatroze inclusive o maior, são de forma ogival, e o resto em semi-circulo. A largura do arco principal da base a base tem cento e sete pés e altura até ao parapeito duzentos e trinta e cinco — o comprimento do aqueducto é aproximadamente — de grossura mais de vinte e cinco pés e no centro d'estas se eleva uma galeria que corre ao longo de todo o aqueducto; e continua ora no interior do terreno, e já fóra d'elle até á nascente.

Esta galeria tem espaço livre para trabalharem as pessoas que lo tem precisas, tanto na conservação quanto dos canos que encaminham

O AQUEDUCTO DAS AGUAS LIVRES

que se acham no interior da galeria, como para estabelecer a corrente de ar tão necessaria nas construções d'esta natureza. Os canos d'os lados da galeria tem cada um treze botijas de diámetro. De ordinario é por um d'estes canos que se encaminha a agua que abastece a cidade; o outro porém é como um supplemento para quando se precisam fazer concertos, além de não interromper o curso das aguas. O declive ou inclinação dos canos é feito por linhas rectas, por degraus insensíveis, para que a corrente das aguas seja retardada de quando em quando, para que as partes heterogéneas d'ella se deixem ficar pela sua gravidade no fundo da galeria sem ser impedida por uma

Entre as obras de vulto que El-Rei o Sr. D. João v na sua real munificencia, mandou construir, tem o primeiro logar pela utilidade publica, a do — Aqueducto das aguas livres — Esta obra monumental é tracada pela mão de um portuguez tão douto nas palestras de Minerva, como nas obras de Marte; foi o engenheiro Manoel da Maia, brigadeiro-guarda-mór da torre do tombo, chronista da casa serenissima de Bragança, academico da real academia, e mestre de mathematica do principe do Brasil D. José.

Esta grandiosa fabrica, principia n'um sitio acima da villa de Bellas que chamam — aguas livres — razão porque os naturaes denominam este aqueducto — Arcos das aguas livres. — Este sitio dista de Lisboa mais de duas leguas, e d'ali são conduzidas as aguas ora pelo subterraneo, ora por pequenos arcos conforme os accidentes do terreno, até chegar ao valle por onde passa a ribeira de Alcantara, que, para nivellear a corrente á sua origem ou vertente, foi necessario construir uma passagem ás aguas, sobre os arcos que a estampa mostra, e que bem se deixa ver pelo grandioso da sua elevação e extensão ser tão magnifica que excede a todas que para o mesmo fim se tem construido na Europa tanto antigas como modernas. Os arcos das aguas livres, como dissemos, tem a sua principal nascente para além de Bellas; tem comtudo alguns outros mananciaes que são conduzidos ao aqueducto.

Creio! Que importa a onda
 Que aos pés brama revolta,
 Se a frente acesa em fogos
 Reluz, novo Synai?
 Que importa o rir da plebe,
 Se a voz do Eterno solta
 Do céo nos grita: vae!

E eu vou, caminho aonde?
 Não sei, mas vou seguro,
 Como caminha o vento
 Do fundo abysmo aos céos:
 Romeiro só da idéa,
 Meu norte é o futuro,
 Meu guia a voz de Deus.

Por entre esses rugidos
 Que o vento ao correr solta,
 Distingo-a, escuto-a, entendo-a:
 É ella que resai;
 É ella a voz suprema,
 Que na procella involta
 Do céo me grita: vae!

«Oh! vai, caminha sempre,
 No extremo lá da vida,
 D'este lavor tremendo
 Repousarás, então,
 Eu hei-de sobre nuvens,
 Á terra promettida
 Guiar-te pela mão!»

E eu vou; aonde? ao largo,
 Á immensidade, e creio
 Na voz que vem de cima,
 Na voz que me conduz.
 Romeiro só da idéa,
 Caminho sem receio
 Fitando sempre a luz.

E vou! Que importa a onda
 Que aos pés brama revolta,
 Se a frente acesa em fogos
 Reluz, novo Synai?
 Se a plebe ri do crente,
 A voz do Eterno— solta
 Do céo lhe grita: vae!

CHRONICA

O romance teve já uma época brilhante nos annaes da nossa litteratura. A nova escóla inaugurada por Garrett, Herculano e Castilho, aventurou n'este genero as suas primeiras tentativas. Foram modelos o *Bôbo*, o *Monge de Cister* e a *Abobada*. Seguiram-se-lhes, inspirados pelo enthusiasmo e animados pelo estudo os ensaios de duas esplendidas vocações, que foram os *Irmãos Carvajales*, o *Infante Santo* e o *Raúlso por homisio*. Mais tardê *Um anno na corte* e a *Mocidade de D. João V*, pozeram remate a este periodo tão animado, tão fertil e tão lisongeiro para as letras.

Poesia e theatro tambem floresceram n'aquella época, época em que as vocações então nascentes, tratavam de conquistar legitimamente o seu lugar na litteratura, trabalhando e estudando, apresentando dramas e publicando livros. Hoje, porém, o que se vê por ahi, n'essa pleiada de escrevinhadores que alagam diariamente as columnas do jornalismo? Vê-se dizer mal de tudo e de todos, e a isto se lhe resumem as obras! E este systema não deixa de offerecer convenientes, por que assim limitam-se ao officio de criticos e põem-se ao abrigo de ser criticados!

Será bom pôr ponto n'esta divagação que nos podia levar longe, porque o campo é vasto, e voltarmos ao assumpto que íamos tratar. Alludimos nas primeiras linhas ao passado brilhante que já teve o romance entre nós, por que nos suscitou essa recordação, vemos que está novamente em voga. Ao menos assim o denunciam, os trabalhos litterarios que hoje temos a mencionar na chronica. Senão, reparem. Mendes Leal, continua a publicar todas as semanas em folhetins no *Jornal do Commercio*, o seu bello romance historico *Amostra de um grande dia*; Camillo Castello Branco, o fecundo romancista portuguez, prende cada vez mais a attenção dos leitores da *Revolução de Setembro*, com o seu excellente romancé *Annos de Prosa*; D. José de Almada, sabemos que tambem aprompta um volume de lindos contos, que o editor Pereira, deve publicar com toda a brevidade; e finalmente o chistoso folhetinista da *Revolução de Setembro* e da *Opinião*, promette-nos igual-

mente um livrinho escripto com aquella elegancia e singeleza que todos lhe admiram e que a todos captiva.

Esperamos anciosos pelo complemento das duas primeiras obras, e pela apparição das ultimas, para offerçermos aos nossos assignantes uma analyse rápida das muitas bellezas que encerram e do interesse que contém. Oxalá que bem cedo tenhamos occasião de o fazer, e que taes exemplos tenham seguidores para que d'este modo se enriqueça a livraria nacional.

Terminam aqui as novidades litterarias; seguem-se, pois, as artisticas. É este o programma que dissémos haviamos de manter, e por ora ainda não faltámos. Não é vulgar nos programmas; mas nós queremos que este da chronica seja excepção.

Na nossa terra a leitura tem poucos cultivadores; mas as artes ainda tem menos admiradores. Exemplo: para um livro bom podem apparecer seiscentos compradores: para um quadro excellente, não se apresentam dez. Demais o livro ainda corre de mão em mão e consegue ás vezes triplicar o numero dos leitores (nunca o dos compradores); mas o quadro que viveu encerrado no *atelier* do pintor, e d'ali só passa para o gabinete do comprador, que a maioria das vezes é um homem excentrico que tem poucas visitas, e por que só um excentrico aos olhos dos homens sensatos póde gastar dinheiro em paineis, que não são objecto de lucro immediato, o quadro, repetimos, existe quasi ignorado. Mesmo quando vá adornar a galeria ou as salas de um homem elegante que dê bailes esplendidos não se tornará muito mais conhecido, por que, poucos, raros se irão extasiar diante d'elle, e o grande numero examinará de preferença as alcatifas, os espelhos, os moveis doirados e a cêa opipara que se lhes prepara. Gardé, Matta e Gaspar contam ali mais apreciadores que Vernet, Teniers e Annuniação. Até o edificio em que se esconde a Academia das Bellas Artes, concorre para o isolamento dos nossos artistas! Quem ao passar por defronte d'aquelle pardieiro, e que não tenha lá entrado, suspeitará que é ali a Academia das Bellas Artes? Se ao menos, o frontespicio chamasse a attenção, todos indagariam o que havia lá dentro, e assim vulgarisava-se que tinhamos gravadores, pintores e esculptores! Pois cuidam que não ha muita gente que ignora que em Portugal se pintam quadros, se fazem gravuras e se modelam estatuas? Ha, e se duvidam, no mesmo circulo de pessoas que se chamam illustradas, acharão a prova. Nestas mesmas observarão que ha muitas que nunca viram um quadro de Annuniação, Metrass ou Christino; que admira pois, que as dos outros circulos lhe ignorem até a existencia?

E bem digna de estimulos e protecção é essa pleiada de esperançosos talentos, que patrocinada pelo rei-artista, tem sabido elevar á altura da sua missão essa mesma Academia, apresentando trabalhos que a recommendam e illustram. Confiamos, porém, que um governo intelligente e verdadeiramente empenhado no engrandecimento e gloria nacionaes, ha de tomar a peito a realisação d'uma obra, que é uma vergonha continuar esquecida, apesar de tantas vezes lembrada. Desprendam-se um instante dos afilhados politicos e das conveniencias partidarias, servindo uns e preocupando-se das outras, e olhem para as coisas de utilidade que podem um dia attestar-lhes o merecimento e a valia. Sacrifiquem o voto de um eleitor, a fuga de um correligionario, o appoiado boçal de um deputado analfabeto, a gravar o nome n'um monumento que honre o paiz e o engrandeca aos olhos do estrangeiro. Se quebrem os fins, proporcionem os meios. Animem e não desconfortem; ajudem e não contrariem. Attendam a quem trabalha e não prestem só auxilio a quem especula. Premeiem a independencia e não recompensem o servilismo. Não reputem credenciaes as lisonjas calculadas e os elogios premeditados, e considerem unicos diplomas as obras que justificam o talento. Mandem aprender lá fóra quem deu provas que sabe estudar e que estudou, e não facilitem viagens a titulo de instrucção para pagarem serviços de corrilhos. Tratem de engrandecer o paiz em vez de se engrandecerem a si. O engrandecimento do paiz póde lebrar-os no futuro; o engrandecimento pessoal morre com o individuo, quando não morre antes.

«N'esta terra não escacea o talento» disse o visconde d'Almeida Garrett, no prologo de um dos seus livros. E não, os talentos revelam-se continuamente; mas o que é vulgar é desencaminharem-se. E sabem porque se desencaminham? Porque os não sabem aproveitar, por que a falta de animação e de auxilio, os obriga muita vez a desviarem-se das suas vocações. Não é raro vêr um homem de letras feito amanuense, um poeta feito escriptor politico, um advogado feito empregado publico, e até um padre. . . . feito official de secretaria!

Felizmente n'esse grupo de mancebos que representam honrosamente a Academia das Bellas Artes, ainda nenhum atraçoou a sua vocação, luctando tenazmente contra todas as difficuldades e proseguindo nas suas aspirações. É verdade que para os fortalecer e aconselhar tinham a voz auctorizada de um homem que nascêra artista, e que o era tanto, que possuindo a coroa de rei nunca deixou de entrelaçar-lhe a de artista. No silencio resgatava S. M. El-rei o Sr. D. Fernando o esquecimento imperdoavel dos nossos governos. E por muitas vezes, assim como nós e poucos mais, foi visitar os artistas nacionaes, examinando-lhes os trabalhos e aprimorando-lh'os com valiosos conselhos.

N'este mesmo jornal, que é, e será incansavel em bradar a favor d'aquelle estabelecimento, bastantes provas tem já apparecido do que valem os nossos artistas. Os retratos gravados pelo sr. Sousa, que ali vive o dia inteiro dobrado sobre a mesa do trabalho, estão a par dos melhores lá de fóra, segundo temos ouvido a pessoas competentes e segundo mesmo temos observado nas publicações estrangeiras. Os quadros do sr. Annuniação seguem-se e multiplicam-se com uma rapidez prodigiosa, denunciando sempre progressos e ostentando a mais extraordinaria fertilidade. Agora mesmo acabamos nós de contemplar-lhe um quadro intitulado a *Sésta*, que é seguramente dos melhores que o seu pincel tem produzido. Não resistimos, pois, á tentação de o descrever.

O quadro figura um campo cortado por um riacho. São cinco horas da tarde. No primeiro plano estão duas vaccas deitadas e mais longe do lado esquerdo outra de pé, tendo proximas uma vacca e uma vitella tambem deitadas. Do lado direito mettida no riacho estão uma vacca bebendo e outra atravessando o mesmo riacho. Sobre este fica um *monchão*, e ao longe divisam-se as casinhas da povoação visinha. O quadro respira aquella melancolia, aquella tristesa, e aquella isolamento, proprios d'aquella hora em que o gado repousa depois da comida. Nos animaes nota-se o socego e quietação que traz a somnolencia. A vacca que está no primeiro plano do quadro é malhada de castanho e branco, e apresenta uma tal verdade no colorido que maravilha. Os terrenos são magnificos. Damos os parabens ao sr. Annuniação, e damol-os igualmente a quem fizer a aquisição do quadro.

Conhecemos, que nos afastámos hoje da nossa missão de chronista, assumindo um tom improprio d'estas paginas, do que pedimos desculpa aos nossos leitores. Esperamos todavia obter-a, porque elles bem hão de reconhecer a intenção com que o fizemos, que era boa, e por isso não nos pesa na consciencia.

ERNESTO BIESTER.